

DANIEL ANDRÉ CONCEIÇÃO PEDRO

O Planeamento Plurianual em Educação Física
Estudo Multicaso em Escolas de Lisboa

Tese apresentada para a obtenção do Grau de Mestre em Educação Física no Curso de Mestrado em Ensino da Educação Física no Ensino Básicos e Secundário, conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Orientador: Professora Ana Leça

Co-orientador: Professor Luís Bom

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Faculdade de Educação Física e Desporto

Lisboa

2009/2010

Resumo

No presente estudo discute-se o problema do Planeamento Plurianual em Educação Física, numa perspectiva de articulação curricular vertical entre Escolas e ciclos de ensino.

Realizou-se um estudo multicaso em cinco Escolas da zona de Lisboa, e foram entrevistados seis especialistas na área da Educação Física em Portugal para descrever e interpretar o problema.

Ficam algumas sugestões, a seguir em futuros modelos de planeamento em Educação Física Escolar, e uma caracterização da articulação curricular vertical existente nas Escolas estudadas.

Palavras-chave: Plano Plurianual, Articulação Curricular, Educação Física.

Abstrat

In this study, we discuss Multy Year Planning in Physical Education from the perspective of vertical curricular articulation among schools and education levels.

We conducted a multi case study in five schools in the Lisbon area, and six were interviewed experts in the field of Physical Education in Portugal to describe and explain the problem.

Stay a few suggestions, for the future planning models in physical education, and a characterization of existing vertical curricular in schools studied.

Key-words: Multy year Plan, Joint Curriculum, Physical Education.

Índice

Resumo	1
Abstrat.....	2
Índice	3
Introdução	4
1 - Revisão Bibliográfica	7
2 – Métodos e Procedimentos.....	21
2.1 - Amostra	22
2.2 – Procedimentos e instrumentos	23
3 - Discussão e apresentação de resultados	26
Conclusões.....	36
Bibliografia	38
Índice Remissivo	41

Introdução

No decorrer do presente ano lectivo (2009/2010) e enquadrado no Estágio Pedagógico de Educação Física da ULHT, elaborei em conjunto com os meus colegas de estágio, um Seminário para o Departamento de Educação Física cujo tema se centrou no Planeamento Plurianual – Repercussões da Conferência Curricular. Este Seminário efectuou-se na Escola Secundária da Portela, na qual realizei o meu Estágio Pedagógico. Assim, decidi dar continuidade ao estudo dessa temática na presente Tese de Mestrado, procurando alargar este estudo de caso a outras Escolas da zona de Lisboa.

Para a Educação Física sobreviver na Escola tem que demonstrar resultados tangíveis. Exemplos de resultados tangíveis são os alunos mais em forma, capazes de descerem uma colina em rappel, conseguirem levantar mais peso, entre outros. De alguma maneira, a experiência da Educação Física tem que “mudar”/”influenciar” o aluno de forma positiva. Um programa de Educação Física deve responder às questões e necessidades dos alunos, tendo em conta a diferenciação que existe, e é normalmente influenciado pelos valores da comunidade onde a Escola está inserida. (Siedentop, Mand e Taggart, 1986)

A chave para um currículo efectivo é conseguir que os Professores troquem informação sobre o que está a ser ensinado e coordenar isto de maneira a que se reflecta nos objectivos gerais da Escola. Isto tornou-se mais difícil com o aumento da complexidade do currículo. O mapeamento curricular ajuda a melhorar a comunicação acerca do próprio currículo. O mapeamento não dá só assistência à implementação mas também ajuda a criar um nível de discussão e reflexão importantes acerca do próprio currículo e alocação de recursos. (Harden, 2001)

Deste modo, os Professores podem acabar por concluir que o mapa curricular é a cola que sustém o currículo, é um método de operacionalização do mesmo e demonstra se, de acordo com os standards específicos, o currículo de uma Escola é congruente com os resultados de aprendizagem esperados. (Harden, 2001)

O problema diagnosticado no meu estágio pedagógico foi muito simples. No final da avaliação inicial, não existiu qualquer tipo de interpretação em grupo desses mesmos resultados. Sem esse tipo de interpretação e reflexão, indispensável para identificar fragilidades e potencialidades tal como prognosticar aprendizagens e objectivos, os alunos foram sem dúvida os mais prejudicados visto que a maior parte dos Professores tomou decisões menos ajustadas, menos salvaguardadas e menos apoiadas pelo grupo de Educação Física.

Ao longo do presente estudo, é destacada a importância de vários temas relacionados com o problema diagnosticado, e toda a operacionalização do mesmo foi efectuada no sentido de encontrar soluções, modelos e sugestões de resolução.

Baseando-me em vários autores de referência, destaco as temáticas que para mim se revelaram mais prioritárias no sentido de tentar encontrar a solução do problema. Temáticas como a compreensão do lugar do aluno no sistema educativo; da avaliação em Educação Física (EF) como factor decisivo no sucesso dos alunos, dinâmicas estratégicas e de liderança no grupo de EF; mapeamento / planeamento curricular, articulação curricular vertical, entre outros, assumem-se actualmente como temas indispensáveis para a construção e compreensão de um sistema de ensino integrado.

Capel, Zwosdiak-Myers e Lawrence (2004), sugerem como futura pesquisa nesta área estudos de caso de Escolas (dos dois ciclos) que incluam entrevistas semi-estruturadas com os Professores de modo a descobrir detalhadamente como é que a informação é transferida e se a mesma é discutida e acordada ou simplesmente passa de uma Escola para outra, bem como a eficiência de informação e documentação no objectivo da planificação para a continuidade e progressão curricular no ensino da EF.

Nesta lógica, após elaboração do quadro teórico do problema, este estudo passou por duas fases distintas. A primeira, consistiu em Entrevistar vários especialistas em Educação Física participantes na elaboração dos Programas Nacionais de Educação Física (PNEF) e novas Metas de Aprendizagem. A segunda, pela aplicação de questionários em cinco Escolas da zona de Lisboa, com o objectivo de clarificar quais as medidas concretas de articulação curricular vertical em vigor nas mesmas.

Toda a metodologia assenta em métodos actualmente utilizados em investigação, nomeadamente no tratamento de dados numa perspectiva qualitativa, validação de Entrevistas pela fonte, tal como interpretação de questionários abertos por definição de categorias.

Também se pretende descrever ao longo do documento variadas formas de interpretar e compreender a Educação Física Escolar, com o objectivo de lutar por uma área cada vez mais determinante no percurso educativo dos alunos.

O estudo vem dar um contributo significativo a todos os leitores que desejarem aprender e reflectir cada vez mais sobre planeamento em Educação Física, formas de operacionalizar as referências descritas nos Programas Nacionais de Educação Física, tal como dar a conhecer um pouco mais da realidade de algumas Escolas do sistema de ensino Português.

1 - Revisão Bibliográfica

O ensino básico e secundário estão legislados como sendo de Escolaridade obrigatória para todos os cidadãos portugueses, no entanto, tal legislação não implica uma proporção directa relativamente à criação ou modificação de condições para o sucesso educativo. Aliás, toda a legislação criada na nossa actual sociedade é idealmente harmoniosa, devendo esta harmonia originar um desenvolvimento pessoal de sucesso do aluno, a capacitação/o *empowerment* no seu verdadeiro sentido.

De acordo com Siedentop et al. (1986), os programas de Educação Física têm os seus efeitos e fazem realmente a diferença neste sentido de desenvolvimento pessoal de sucesso do aluno. Todos os Professores de Educação Física necessitam de reflectir seriamente sobre o tipo de efeitos que os seus programas têm nos seus alunos e como podem assegurar que esses sejam atingidos pelo máximo de alunos possíveis.

Complementarmente à Lei de Bases do Sistema Educativo, das novas reformas educativas, foi criada legislação relativa ao modelo de avaliação a aplicar no Ensino Básico. Assume-se, que avaliar não tem necessariamente de medir e quantificar cegamente, e que pelo contrário, deverá potenciar e não anular. Esta lógica de avaliação, vai de encontro ao que é assumido por Fernandes (2007). O autor refere que ainda continua a prevalecer uma avaliação pouco integrada no ensino e na aprendizagem, mais orientada para a atribuição de classificações do que para a análise cuidada do que os alunos sabem e são capazes de fazer, ou para compreender as suas eventuais dificuldades, ajudando-os a superá-las. Assim, avaliar para classificar, para seleccionar ou para certificar continuam a ser as preocupações dominantes. Por isso, as políticas educativas deverão dar uma prioridade muito destacada à melhoria das aprendizagens nas aulas, isto é, ao desenvolvimento da avaliação formativa.

Neste seguimento, orientamo-nos naturalmente para a visão de Caldeira (S/D), assumindo que numa verdadeira e autêntica Escola Para Todos onde o direito à diferença, o respeito pelo ritmo de aprendizagem individual e os valores culturais se salvaguardam e se respeitam, o Indivíduo, teria assim, asseguradas as melhores condições de realização pessoal e social. Com a lei da autonomia das Escolas, permitiu-se a interacção intersistemas de Escola-comunidade, construindo-se esta Escola Para Todos onde o

desenvolvimento individual seria assumido como tarefa de todos e resultado da relação social estabelecida.

Também Costa, Leitão, Santos, Pinto e Fino (2000) mencionam o facto de as tendências actuais, em matéria de princípios, políticas e práticas educativas, irem no sentido da promoção desta Escola para todos, que possua uma estrutura educativa de suporte social que se ajuste a todos os alunos, independentemente das suas condições e contextos, promovendo uma educação diferenciada que responda às necessidades individuais deixando de ser institucionalmente segregadora. É este o grande desafio que se coloca à Escola: o de encontrar formas de responder efectivamente às necessidades educativas de uma população Escolar cada vez mais heterogénea, e de construir uma Escola efectivamente inclusiva, que todos aceite e trate de forma diferenciada. Actualmente exige-se à Escola, regular não só uma integração, mas também a responsabilidade pela adequação da resposta, e do “potenciar e não anular”, proporcionando que o aluno faça parte da sua comunidade educativa. Estas afirmações estão na mesma linha de raciocínio de Siedentop et al. (1986), visto que consideram o termo equidade como não significativo de tratar todos os alunos da mesma maneira, mas sim, tratar alguns de maneira diferente dos outros porque as suas necessidades também são diferentes. Equidade significa que devemos fornecer a todos os alunos um acesso igual a facilidades, equipamento, instrução e participação. Uns alunos menos capacitados devem poder ter uma experiência de qualidade como os outros, mas, ao seu nível. Quando os Professores de Educação Física motivam os seus alunos a melhorar e estender o seu potencial, obtém-se tanto a equidade como a qualidade.

Desta forma, de acordo com a ideia destes autores, terá imperativamente que existir uma modificação da instituição Escolar, capacitando-a/ empoderando-a (*empowerment*) e dando-lhe autonomia para a (re) criação de situações pedagógicas que tenham como palavras-chave diferenciação, integração e sucesso curricular.

Para esta modificação ao nível da diferenciação curricular, e neste contexto educacional, torna-se necessária uma visão ou analogia sistémica e ecológica, envolvendo, pela sua própria natureza, uma multidimensionalidade com a intervenção de vários factores que vão exigir uma Escola aberta em interacção com o contexto em que está inserida e a redefinição de papéis e funções do Professor do ensino regular, numa dinamização activa de todos os intervenientes no processo educativo. (Lopes e Banhudo, S/D)

Esta visão que nos remonta a Bronffebrenner (1994) envolve o estudo científico da acomodação progressiva e mútua entre o ser humano e as propriedades mutantes dos ambientes em que se move e respectivos contextos. Assumindo-se uma relação bidireccional, a partir de macro, meso e microssistemas onde o sujeito se situa no centro destas estruturas concêntricas. (**Anexo 1**) Neste âmbito educacional, segundo Costa et al. (2000), considera-se como macrossistema o próprio Sistema Educativo Nacional em que a diferenciação curricular deverá assentar ao nível da flexibilidade do sistema educativo, legislação e medidas alternativas previstas, recursos e apoios complementares, formação, critérios de transição e retenção (avaliação) e quadros; relativamente ao mesossistema considera-se a Escola, na qual são mencionados factores como a gestão Escolar, organização social, recursos educativos e apoios complementares, relação Escola-família-comunidade; por fim, como nível micro, considera-se a sala de aula onde são tomados em conta factores como as atitudes do Professor, diversificação de estratégias/actividades (incluindo o ensino cooperativo) e a diferenciação pedagógica.

Como é de raciocínio lógico, modificações a estes níveis implicam grandes alterações na gestão curricular, ou seja, alterações na prática em si e não apenas na legislação *per si*.

A dinâmica que a reforma tenta introduzir mexe com toda a Escola: espaços, turmas, Professores, gestão e enfoques de aprendizagem. Investimentos na beneficiação da infra-estrutura Escolar; no alargamento da rede; na formação dos docentes; na modificação dos currículos; na unificação dos estudos e no prolongamento da Escolaridade obrigatória, têm modificado a face da Escola. No entanto, apesar destas reformas do sistema educativo, levadas a cabo nos últimos anos, e da divulgação das práticas educativas mais efectivas, algumas más práticas continuam e mantêm-se paralelamente aos níveis elevados o insucesso e abandono Escolar. As respostas dadas pela Escola às necessidades de uma população Escolar heterogénea mostram-se extremamente limitadas. (Costa et al., 2000)

Segundo Caldeira (S/D), o facto de muitas Escolas continuarem ornamentadas com condições estruturais e atitudes profissionais (p.e *magister dixit*) retrógradas aliadas a uma falta de valorização social da profissão docente e as respectivas consequências psicológicas (desmotivação), poderão estar na base de toda esta problemática. O autor afirma ainda que, no entanto, desde sempre e ainda hoje, a responsabilidade do insucesso Escolar é maioritariamente atribuída ao aluno, à família ou ao estrato social, apesar dos

indicadores que põem em causa esta ideia. Haverá, certamente, muitas outras razões, mas é hoje dado como certo que a Escola não pode fugir à sua responsabilidade. O autor questiona-se então, se é correcto atribuir-se o insucesso Escolar ao aluno, ou por sua vez à Escola, sendo esta última recusada pelos responsáveis da política educativa.

Com o objectivo de potenciar o sucesso dos alunos, surge a possibilidade de escolha de currículos ou, pelo menos, de utilizar os existentes com a flexibilidade requerida pelas condições do público-alvo em presença.

Perante este cenário, verifica-se que estão criadas as condições legislativas para uma verdadeira Escola para Todos. Mas será que estão criadas as restantes condições complementares indispensáveis à concretização e operacionalização deste mesmo objectivo, especificamente em relação ao currículo? (Caldeira, S/D)

De acordo com Zabalza (1992), o conceito de currículo pode ser analisado em três perspectivas fundamentais: (1) o currículo prescrito, isto é, um documento oficial planificado a nível do sistema educativo, que abrange aspectos como a planificação educativa, a organização Escolar, a concepção e a avaliação de programas; (2) o currículo programado, ou seja, um conjunto de situações de aprendizagem que se oferecem em situações concretas aos alunos, estando à partida definido o que se pretende fazer numa determinada situação de ensino, nomeadamente a determinação dos objectivos de aprendizagem, a selecção e organização dos conteúdos, a previsão das actividades a realizar ou experiências a oferecer aos alunos, a concepção e utilização de materiais didácticos e a avaliação dos resultados; (3) o currículo realizado, enquanto processo educativo real, que se desenvolve num contexto particular de ensino (na Escola, na sala de aula), pretendendo ultrapassar as incoerências entre o programado e o concretizado. Está, assim, patente a existência de um currículo formal (compreendido como um conjunto de previsões) e um currículo real (entendido como um conjunto de realizações). No entanto, permanece a questão principal: não em relação ao que é o currículo formal, mas sim quanto ao modo como é concretizado.

Pretende-se então, veicular uma concepção de currículo como conjunto de aprendizagens concretizadas, e de competências a desenvolver bem como o seu papel no percurso académico dos alunos.

De acordo com Roldão (1999a), as aprendizagens que integram um currículo podem ser de todo o tipo (sociais, conceptuais, técnicas) e podem estar organizadas de inúmeras maneiras. Deste modo, o currículo contempla objectivos gerais e específicos para a aprendizagem, competências a desenvolver, tipo de experiências educativas que devem ser proporcionadas, e as respectivas áreas disciplinares e não disciplinares que tornam possível concretizar os mesmos.

Muito embora haja um programa nacional, com um tronco comum igual para todo o território, ainda não vimos, em circunstância alguma, negada a possibilidade da aplicação flexível desses mesmos programas, de forma a possibilitar o respeito pelo ritmo individual de aprendizagem e pelas capacidades de cada um. No entanto, a falta de flexibilidade não deixa de se constituir como um álibi muito frequente para justificar o insucesso Escolar.

Um programa de qualidade em Educação Física, foca-se na aprendizagem do aluno como objectivo primário. Os padrões foram elaborados como indicadores que guiam o desenvolvimento do currículo e clarificam as metas de avaliação. Tem existido um trabalho da parte dos docentes, ao nível de selecção de conteúdos e práticas inovadoras, consistentes com os standards nacionais, para a melhoria da qualidade em Educação Física, cujo objectivo será que cada criança demonstre capacidades e conhecimentos necessários para participar numa actividade física. (Ennis, 2003)

De acordo com Siedentop et al. (1986), um programa consiste em todas as oportunidades de participação em actividades físicas desportivas que a Escola fornece aos estudantes, sendo que, cabe aos Professores de Educação Física organizar essas mesmas oportunidades. O currículo apenas de uma turma não é suficiente, por si só, para tudo aquilo que a Educação Física deve atingir na educação da juventude. Assim, um programa dura um dia regular de Escola, depois da Escola, fins-de-semana e períodos de férias. Ou seja, torna-se claro que o papel da Educação Física se estende para lá do ensino em aula mas com base neste.

O Professor de Educação Física deve considerar cuidadosamente quatro importantes questões no que diz respeito ao desenvolvimento de objectivos para um programa de Educação Física: 1- ênfase nos resultados, 2- compromisso com a igualdade e

qualidade, 3- fazer um mínimo de coisas correctas, 4- socializar os alunos levando-os a assumir o papel de participantes. (Siedentop et al., 1986)

Muitos programas de Educação Física tentam atingir demasiado parecendo que vão estar “para sempre” a introduzir e a expor os alunos a diferentes actividades. Muitos Professores sugerem que unidades longas em Educação Física são aborrecidas. Mas a verdade é que muitos alunos se aborrecem porque não obtêm qualquer tipo de instrução por detrás dos fundamentos básicos. (Siedentop et al., 1986)

De acordo com a ideia de Siedentop et al. (1986), um programa de Educação Física deve responder às questões e necessidades dos alunos, tendo em conta a diferenciação que existe, e é normalmente influenciado pelos valores da comunidade onde a Escola está inserida. O programa é também afectado pelas condições existentes ao nível das infra-estruturas e equipamentos. Não há nenhuma solução simples que possa juntar todos os factores que afectam a criação de um currículo, no entanto, torna-se importante reflectir sobre todos estes e conhecer os modelos existentes para uma compreensão mais holística.

Por vezes, os programas falham não pela natureza das actividades serem erradas ou pobremente ensinadas mas, devido a outros aspectos da experiência (p.e. orientação para o sucesso, requerimento de uniforme e condições) serem tão negativos influenciando as atitudes dos alunos face à Educação Física e às próprias actividades de tal maneira que acabam por simplesmente rejeitar todo o programa. Ou seja, os alunos têm que ser ensinados a ser participantes, a quererem ser participantes e as suas implicações. Esta preparação contribui para um programa de sucesso junto dos alunos, dos serviços de gestão e dos pais. A importância de um programa deve ser visível para todos. (Siedentop et al., 1986)

No nosso ensino português há uma aproximação mais ao programa que Siedentop et al. (1986), denominam como programa de abordagem de componentes, visto que este é útil para unificar um programa dentro da Escola ou como maneira de assegurar a coerência total de um programa a nível de um agrupamento de Escolas distrital. O que é aconselhado é utilizar um componente de cada vez e utilizar bem, utilizar para que alunos, Professores, administrativos, pais e comunidade reconheçam imediatamente que algo de importante se passa.

Perante este cenário de flexibilidade e diferenciação curricular, surge a avaliação inicial/ prognóstico que tem um papel decisivo. Para além de permitir a cada Professor orientar e organizar o seu trabalho na turma, prognosticando para projectar diferenciadamente, possibilita aos Professores assumirem compromissos colectivos, aferindo decisões anteriormente tomadas quanto às orientações curriculares, adequando o nível de objectivos e/ou procedendo a alterações ou reajustes na composição curricular à escala anual e/ou plurianual, caso considerem necessário. (PNEF, 2001)

Segundo Carvalho (1994), a avaliação inicial só faz sentido se pretendermos planear em conformidade com os dados por ela revelados, ou seja, se assumirmos que é fundamental projectar o ensino de uma forma diferenciada, em função das efectivas necessidades dos alunos. Assim, será o rumo bem delineado formado no prognóstico que suportará e dará sentido a todo o conjunto de decisões curriculares diferenciadas. É precisamente por querermos respeitar o princípio da inclusividade e o da igualdade de oportunidades que devemos tratar de desigual maneira o que é desigual à partida. Visando o sucesso, a melhoria da aprendizagem e os objectivos de ciclo, temos necessariamente de diferenciar os percursos de aprendizagem.

Tal como referem Clark & Peterson (1986), a planificação pode ser entendida como o conjunto de processos psicológicos básicos, através dos quais o Professor visualiza o futuro, faz um inventário dos fins e meios, e constrói um marco de referência que guie as suas acções. (citado por Pereira, 2000).

Considerando as orientações estratégicas do Grupo de EF, o Professor deverá desenhar em traços gerais o plano de trabalho com a turma, cuja operacionalização ocorrerá posteriormente e de forma adequada à mesma, baseando-se nas conclusões da avaliação inicial e nas opções que daí advêm. Convergindo para a ideia de Siedentop et al. (1986) os Professores estão inevitavelmente envolvidos no design e revisão do currículo. Criar um currículo tornou-se uma importante parte da responsabilidade de um Professor, uma vez que escrever um currículo revisto pode ser uma forma de efectuar mudanças importantes num programa de uma Escola.

A mudança, não é um processo natural, é uma construção conflitual e para isso, é indispensável que se expresse vontade de alterar a realidade em cada grupo de Educação Física. A maneira como temos intervindo não se tem revelado eficaz. Não basta o domínio

técnico, é preciso saber intervir em conjunto. Daí que seja necessário chegar à consciência de grupo, sem coesão não se dará a mobilização das vontades no sentido de uma acção conjugada pelo desenvolvimento da Educação Física. Dada a importância estratégica que o grupo ocupa, este não pode ser um amontoado de pessoas gerido segundo orientações pessoais. (Brás e Monteiro, 1998)

No departamento de Educação Física é importante que haja uma forte liderança neste processo de design e revisão do currículo, visto que se a mesma não se verificar, não existirá um efectivo trabalho de grupo. Morrison (2002), refere que os líderes nas Escolas terão de recorrer à inteligência emocional, assumindo os estilos de liderança originários desta teoria, para implementarem as relações interpessoais positivas. A liderança deixa de ser coerciva e autoritária e adopta princípios mais humanísticos que criam um ambiente seguro para a experimentação, para correr riscos, e promove interdependência, comunicação, cooperação, diversidade e auto-organização. Para este autor devem ser adoptados estilos de liderança que permitam criar um ambiente aberto a ideias e a novas práticas desenvolvidas por todos os intervenientes. Para o líder ser eficaz como agente de mudança nas organizações, deverá levar em conta a sua cultura específica, as características próprias, e recorrer à memória colectiva antes de tomar decisões, tendo em conta as que já foram tomadas anteriormente. O líder terá de confiar nas experiências e na sabedoria colectiva, de criar condições para elas se desenvolverem e de levar em conta relações humanas com a sua equipa.

Tendo em conta que se devem estabelecer opções estratégicas no grupo de EF e ao introduzir mais especificamente a temática do currículo, importa abordar os conceitos relevantes de Conferência Curricular e mapeamento curricular, visto que de acordo com Harden (2001), um dos aspectos negligenciados do currículo é a comunicação relativamente do mesmo. A partir destes dois temas respondem-se a perguntas como: Como é que os Professores e estudantes sabem o que é abrangido pelo currículo e para o que é direccionado? Como é que os estudantes sabem que oportunidades de aprendizagem estão disponíveis para os ajudar a dominar as aprendizagens exigidas? Que recursos são necessários para criar cada parte do programa?

É de todo o interesse da Escola utilizar e usufruir da reunião da Conferência Curricular entre os Professores do Grupo, de forma a combinar o currículo a ser leccionado e respectivas estratégias a aplicar com o intuito de alcançar os objectivos finais de

ano/ciclo, permitindo aumentar a coerência no percurso educativo dos alunos. De acordo com Araújo (2007), é hoje, clara para todos os Professores a necessidade de utilizar a avaliação como suporte de todas as decisões que se tomam no âmbito do ensino e da aprendizagem dos alunos. É necessário que exista um Projecto Curricular de Disciplina na Escola, à escala plurianual e anual. Este pode e deve ser sujeito a alterações sempre que se justifiquem, ou seja, decisões sobre a composição do currículo dos alunos, considerando as características gerais da população Escolar mediante o nível de desempenho que apresentam.

É imprescindível, em Conferência Curricular, aprovar estas decisões de alcance plurianual, que representem uma dinâmica de desenvolvimento das condições de realização das actividades educativas (recursos materiais e sua gestão, e formação de Professores), e também do processo curricular – articulação vertical do currículo e elevação das metas e resultados que traduzem a realização dos objectivos de cada ano de curso e as competências de ciclo do Programa de Educação Física e do Currículo Nacional. (PNEF, 2001)

São por estas tomadas de decisões necessárias, que a Conferência Curricular se assume como um aspecto fulcral na temática do Currículo e respectivo planeamento, visto que é nesta que se acorda em grupo quais as estratégias implementadas, no sentido de maximizar as aprendizagens dos alunos, para que nos ciclos anuais ou plurianuais atinjam os objectivos finais em Educação Física.

Relativamente ao mapeamento do currículo, que pode ser realizado ou regularizado em Conferência Curricular, segundo Weiss e Levison (2000), o mesmo deve servir como uma pegada para o desenvolvimento dos objectivos curriculares e de aprendizagem. (cit. por Harden, 2001)

Harden (2001), citando Jacobs (1997), defende a necessidade do mapeamento curricular e sugere como foco deste o próprio calendário Escolar, este que é utilizado como forma de base para recolha de informação sobre os planos do currículo.

O mapeamento do currículo torna-se “responsável” pela identificação do como (recursos, oportunidades), do quê (conteúdo, resultados) e o quando (horário de trabalho, sequência do currículo) é ensinado, bem como às medidas utilizadas para determinar se o

estudante atingiu as aprendizagens esperadas (avaliação) demonstrando-se que só assim se pode evoluir para um ensino integrado. Assim, o mapeamento do currículo diz respeito a uma representação espacial das diferentes componentes do mesmo, de maneira a que o quadro geral e relações entre as diferentes partes do mapa (p.e resultados de aprendizagem e oportunidades de aprendizagem) sejam facilmente identificados tornando o currículo, por consequência, mais transparente/explicito. (Harden, 2001)

De acordo com Harden (2001), um mapa de currículo pode ser visto como uma representação em diagrama ilustrando os diferentes elementos e as suas inter-relações. (**Anexo 2**) Isto pode incluir os resultados da aprendizagem, experiências de aprendizagem, os recursos de aprendizagem e o staff. O mapa pode também incluir o programa de estudos dos alunos, p.e, como eles podem interagir com as oportunidades de aprendizagem em diferentes fases do programa de ensino. (Harden, 2001)

Neste diagrama as oportunidades de aprendizagem são posicionadas ao centro. Isto pode ilustrar um curso de leitura, uma sessão em comunidade ou uma experiência em práticas clínicas. Relacionada com as oportunidades de aprendizagem estão os resultados da aprendizagem nas quais as primeiras contribuem, i.e, o conteúdo ou o que é abordado nas aulas e o desenvolvimento da competência dos estudantes nas quais o contributo das primeiras é avaliado. Desta maneira, o mapa curricular fornece uma ampla visão multidimensional do currículo e os seus diferentes componentes. O mapa pode ser visto de uma perspectiva de qualquer uma das quatro diferentes janelas. Estas quatro diferentes janelas mostram o que deve ser aprendido, como deve ser aprendido e como a aprendizagem deve ser avaliada. (Harden, 2001)

O mapa de um currículo torna mais transparente a área de estudo e o que é esperado do estudante durante a aprendizagem/curso/ano lectivo, mantendo explícitas as áreas essenciais a ser abrangidas e como os estudantes as podem alcançar. O mapeamento explicita o currículo implícito e ajuda a assegurar o que é avaliado em linha com o currículo declarado. Assim ajuda-se os profissionais a assegurar-se de que não existem falhas no currículo e que a mesma área não é “visitada” duas vezes desnecessariamente. Estudantes e Professores podem usar o mapa para discutir que áreas devem ser visitadas

como parte dos programas dos estudantes e também a profundidade de exploração de cada área nos diferentes níveis do currículo. (Harden, 2001)

Segundo Harden (2000b) a introdução do ensino integrado tem sido amplamente defendida. Demonstrando a relação entre os diferentes elementos de conteúdo do curso, o mapa do currículo oferece um forte suporte para esta estratégia. Neste âmbito, através do mapeamento/ planeamento definem-se objectivos a atingir para o ano de Escolaridade no final do ciclo, e respectivos critérios de avaliação. A Escola deve também proceder à definição dos objectivos específicos a atingir no final de cada ano não terminal. O estabelecimento destes, deverá ter em linha de conta os resultados da avaliação inicial, as opções estratégicas em termos curriculares, expressas no plano plurianual, e também os critérios estabelecidos no ano/ciclo de Escolaridade anterior, para que a continuidade e a articulação vertical sejam salvaguardadas.

Todas as decisões tomadas no âmbito da avaliação, deverão estar intimamente articuladas ao currículo que o Grupo de EF se comprometeu a desenvolver até ao final do ciclo de Escolaridade através do mapeamento em Conferência Curricular, não esquecendo que este propósito estratégico deverá estar sempre presente, na perspectiva do desenvolvimento da Educação Física e da aprendizagem máxima dos alunos.

Um estudo efectuado por Capel et al, (2004), veio proporcionar um *insight* de como a informação é trocada na Educação Física, que informação, e como é utilizada - particularmente, no como informa a continuidade e progressão do currículo em EF. Os resultados são mistos, sugerindo que a informação não é transferida de um modo consistente, e quando é, nem sempre é utilizada no sentido da continuidade e progressão.

As Escolas necessitam de se alinhar/sincronizar e comprometer ao nível de prioridades, sendo importante identificar as razões pelas quais algumas Escolas dão prioridade à transferência de informação sobre os alunos e outras não.

Relativamente às lacunas de articulação curricular é de relevância mencionar a Lei do Agrupamento de Escolas (artº 6º do Decreto-Lei nº.75/2008) que considera como finalidades relevantes proporcionar um percurso sequencial e articulado dos alunos abrangidos numa dada área geográfica e favorecer a transição adequada entre níveis e

ciclos de ensino. Sendo que obedece a critérios como a construção de percursos Escolares integrados e a articulação curricular entre níveis e ciclos educativos.

No seguimento do alargamento da Escolaridade obrigatória, os doze anos de ensino básico e secundário devem ser organizados de uma forma integrada e articulada para garantir uma Escolarização universal (Metas de Aprendizagem, 2010)

A sequência de conteúdo no currículo, segundo Rink (2002) consiste no facto de existir uma ordem ideal pelas quais as tarefas devem ser apresentadas para uma aprendizagem óptima. A sequência é baseada no conhecimento dos Professores acerca do conteúdo e de que maneira pode ser ensinado de modo mais eficaz. Uma atenção cuidada relativamente à sequência do conteúdo ajuda os alunos a progredir de um nível elementar e conceptual de entendimento para outro mais complexo que consiste num aumento das suas capacidades físicas. (Ennis, 2003)

De acordo com Capel et al, (2004), a continuidade e progressão são consideradas como os componentes essenciais da educação para que os alunos atinjam o seu potencial máximo. Assim, com o objectivo de se criar padrões de conhecimento/realização na Educação Física, os alunos necessitam de seguir um currículo que seja progressivo e tenha continuidade. No entanto, segundo, o *Office for Standards in Education* (OFSTED), reportou a eficácia das modalidades de transferência de informação/articulação curricular como uma fraqueza de longa data do sistema educativo.

Jones & Jones (1993) (cit. por Capel et al, 2004), também referem a necessidade de promoção de continuidade e progressão de modo a que os alunos não caiam num currículo circular de repetição de tarefas já cobertas - efeito carrocel -, em detrimento de um currículo espiral proposto pelo Currículo Nacional, que no seu surgimento ainda conseguiu modificar certos aspectos, aumentando o nível de compreensão entre Escolas de 1º e 2º ciclo, modificações nos estilos de ensino e aumento da motivação dos alunos. Estes autores identificam também um declínio nos níveis de realização, motivação e progresso aquando a altura de transferência de ciclo como uma consequência da falta de consistência entre o 1º e 2º ciclo.

Por sua vez, Ellis (1999) (cit. por Capel et al, 2004), num olhar à transição, também identificou uma redução nos níveis de realização como uma possível consequência

do facto de os docentes do 2º ciclo continuarem a demonstrar relutância em ter em conta e considerar o trabalho já coberto no 1º ciclo. Neste âmbito, a transferência de informação pode ser utilizada com vários propósitos, incluindo o planeamento curricular, no fornecimento de um currículo progressivo para o aluno em individual e como suporte à transição do 1º para o 2º ciclo.

McCallum (1996) (cit. por Capel, 2004) identificou a necessidade das Escolas de 1º ciclo em passar informação para as de 2º ciclo relativamente às disciplinas de Inglês, Matemática e Ciências. Visitas regulares e reuniões foram identificadas como principais estratégias as principais vias de troca de informação entre as Escolas. A utilização de tabelas fornece standardização à troca de informação transferida, no entanto mostra-se pobre relativamente ao conteúdo do currículo. Ou seja, McCallum verificou que a utilização da informação transferida seria limitada, com a tendência de no 2º ciclo não considerarem a informação que lhes seria dada como relevante.

Neste âmbito surge Gorwood (1991) (cit. por Capel et al., 2004), que evidenciou o facto de os alunos na entrada para o 2º ciclo, começarem num grau bastante abaixo do nível que atingiram no 1º ciclo, sugerindo que isto pode ser devido a uma falta de vontade ou incapacidade dos docentes de 2º ciclo em ajustar os seus estilos de ensino e abordagens.

Segundo Capel et al. (2004) existe, no entanto, pouca investigação específica relativamente à transferência de informação entre ciclos no que diz respeito à Educação Física. Se o objectivo do currículo em Educação Física é ser progressivo, então os Professores têm que se familiarizar com o currículo desenvolvido pelos alunos numa fase anterior, assim como com o progresso individual dos alunos para que novos padrões possam ser criados.

Capel et al. (2004), também cita Talbot (1996), sugerindo que os docentes de Educação Física podem não receber a informação correcta, nem ter o *background* necessário para que possam efectivamente desenvolver um currículo contínuo e que os mesmos necessitam de conhecer e compreender os princípios da progressão e o próprio leque de experiências e metas atingidas das crianças a quem leccionam. Em ordem do progresso das crianças, as metas alcançadas anteriormente devem ser reconhecidas, valorizadas e servir como base, visto que é cada vez mais usual, na transição de ciclos, que os alunos tenham de repetir tarefas já cobertas pelo currículo do ciclo anterior.

Capel et al. (2004) sugerem como futura pesquisa nesta área estudos de caso de Escolas (dos dois ciclos) que incluam entrevistas semi-estruturadas com os Professores de modo a descobrir detalhadamente como é que a informação é transferida e se a mesma é discutida e acordada ou simplesmente passa de uma Escola para outra, bem como a eficiência de informação e documentação no objectivo da planificação para a continuidade e progressão curricular no ensino da EF.

2 – Métodos e Procedimentos

Para a realização deste trabalho, a opção metodológica partiu de uma pesquisa qualitativa. A utilização de uma abordagem qualitativa justifica-se quando se procura entender a natureza de um determinado fenómeno. Os métodos qualitativos envolvem uma série de técnicas interpretativas que procuram descrever os significados - não a frequência - de certos fenómenos que ocorrem no mundo.

O *design* de pesquisa é que nos indica como os dados serão obtidos, analisados e interpretados, isto é, este relaciona os dados a serem colectados com as respectivas conclusões às questões iniciais do estudo e também define o nível de generalização, ou seja, se as interpretações obtidas podem ser generalizadas para uma população maior ou para outras situações. (Locke e Lawrence, 1989)

Existem, em geral, três tipos de pesquisa cujas finalidades são diferentes: exploratória, descritiva e experimental (ou explicativa). A linha geral que guiará o presente trabalho será a pesquisa descritiva, tendo por base a abordagem qualitativa. Foi efectuada uma pesquisa bibliográfica, que constitui parte da pesquisa descritiva a ser efectuada, que foi realizada com intuito de juntar informações e conhecimentos prévios acerca do problema para o qual se procura resposta. (Locke e Lawrence, 1989)

A pesquisa descritiva observa, regista, analisa e correlaciona factos ou fenómenos sem manipulá-los. Este tipo de pesquisa pretende descrever "com exactidão" os factos e fenómenos de determinada realidade.

Este estudo foi composto por duas fases distintas, com objectivos igualmente distintos.

Na 1ª fase, com a Entrevista 1 (**Anexo 3**), os objectivos principais foram identificar a importância do Projecto Curricular de Disciplina em Educação Física, entrevistando Professores actualmente a leccionar em Escolas de Referência; Relacionar as práticas dessas Escolas com a revisão bibliográfica e identificar as principais estratégias plurianuais utilizadas.

Com o objectivo de perceber qual o contributo das novas metas de aprendizagem para a organização curricular e sucesso nas aprendizagens dos alunos, ainda na 1ª fase, entrevistei o Professor Leonardo Rocha, Co-autor das mesmas (**Anexo 4**)

Na 2ª fase, mediante a aplicação de questionários de resposta aberta a Professores de várias Escolas, tive como objectivo identificar qual a articulação curricular existente entre ciclos, e Escolas do agrupamento.

2.1 - Amostra

1ª Fase

A amostra da primeira fase foi de conveniência, n=5. Os cinco sujeitos são docentes de longa carreira e de renome na área da Educação Física em Portugal e este constitui-se como um critério de inclusão dos mesmos no estudo.

Alguns destes docentes leccionam Educação Física em Escolas de Referência da zona de Lisboa, sendo que outros são Professores universitários da Universidade Lusófona. Os Professores entrevistados foram: O Professor João Comédias (Luísa de Gusmão); Professor Jorge Mira e Lídia de Carvalho (Secundária de Benfica); Professor José Eduardo Monteiro (Stuart de Carvalhais); Professor Luís Bom (Coordenador da equipa que realizou o Reajustamento dos PNEF 2001) e Professor Leonardo Rocha (Co-autor das Metas de Aprendizagem).

2ª Fase

Nesta 2ª fase, efectuou-se um estudo multi-caso, onde foram aplicados onze questionários em cinco Escolas, de ensino básico e secundário, da zona de Lisboa. Foram elas a EB1 nº175 dos Olivais; Escola Secundária da Portela; Escola Padre António Vieira; Escola Básica Quinta dos Marrocos e Escola Secundária José Gomes Ferreira.

2.2 – Procedimentos e instrumentos

1ª Fase

Na 1ª fase deste estudo foram efectuadas cinco entrevistas semi-estruturadas. Este tipo de entrevista caracteriza-se pela existência de um guião (**Anexo 3 e 4**) previamente preparado que serve de eixo orientador ao desenvolvimento da entrevista, procura garantir que os diversos participantes respondam às mesmas questões, combina perguntas fechadas e abertas, não exige uma ordem rígida das questões, o desenvolvimento da entrevista vai-se adaptando aos entrevistados, permite um tratamento mais sistemático dos dados e a introdução de novas questões se necessário. (Quivy e Campenhoudt, 2005)

Depois de realizadas as entrevistas, foi efectuado um resumo para cada uma delas que posteriormente foram validados pela fonte. Ou seja, depois de resumidas, as entrevistas foram enviadas para os entrevistados de modo a poderem ser rectificadas e aprovadas pelos mesmos.

Esta técnica de validação das entrevistas transcritas pela fonte (ITR-Interview Transcript Review), é reconhecida como uma forma de aumentar o rigor de uma investigação qualitativa que utiliza a entrevista como base. É um processo onde os resumos das entrevistas transcritas são fornecidas aos entrevistados para os propósitos de exactidão, correcção de erros, falhas e oportunidade de fornecer esclarecimentos. É uma técnica amplamente utilizada entre investigadores na área qualitativa. (Hagens, Dobrow & Chafe, 2009)

As vantagens desta técnica de validação consistem no facto dos entrevistados terem oportunidade de alterar ou clarificar informação fornecida na entrevista original, e em alguns casos adicionar novo material ao já transcrito. (Hagens et al., 2009)

Apesar deste tipo de técnica requerer um maior dispêndio de tempo e esforço por parte do entrevistador, devido à preparação e comunicação do transcrito, pode-se considerar que as vantagens se sobrepõem. Origina um reforço de ligação entre entrevistador-entrevistado que mantém linhas de comunicação (adicionais, como e-mail) abertas para o futuro e que também possam colmatar algumas dúvidas que o entrevistador possa ter acerca da própria investigação. (Hagens et al., 2009)

Todas as entrevistas foram validadas pessoalmente, ou por via e-mail. A informação recolhida foi utilizada para confronto com a revisão bibliográfica efectuada.

2ª Fase

Na 2ª fase deste estudo foram aplicados onze questionários com características sócio-demográficas e duas questões de resposta aberta.

Este método consiste em colocar a um conjunto de inquiridos uma série de perguntas relativas à sua situação social, profissional ou familiar, às suas opiniões, à sua atitude em relação a opções ou a questões humanas e sociais, às suas expectativas, ao seu nível de conhecimentos ou de consciência de um acontecimento ou de um problema. (Quivy e Campenhoudt, 2005)

Este distingue-se de simples sondagem de opinião pelo facto de visar a verificação de hipóteses teóricas e a análise das correlações que essas hipóteses sugerem, sendo mais elaborados e consistentes do que as sondagens. O questionário aplicado foi de “administração directa”, ou seja, visto que foi o próprio inquirido que o preencheu. (Quivy e Campenhoudt, 2005)

O tratamento dos dados recolhidos foi feito através de uma análise de categorias dos mesmos.

Uma centena de informações interessantes soltas, não terá qualquer significado para o investigador ou para um leitor se não tiverem sido organizadas por categorias. O trabalho do investigador consiste em procurar continuamente semelhanças e diferenças, agrupamentos, modelos, e questões de importância significativa. Bell (2004)

Turner (1981), sugere para a organização de dados, que se utilize os mesmos para desenvolver categorias; que se procure determinar e especificar as condições sob as quais ocorrem as relações entre as categorias; que se estabeleça conexões entre os dados categorizados e as teorias existentes. (Citado por Tuckman, 1994)

Para uma visualização mais prática das questões efectuadas, apresenta-se em baixo o **Questionário “Articulação Curricular”**

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias – Faculdade de Educação Física e Desporto
Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário - 2010

*Os dados dos nossos estudos são protegidos por compromisso de anonimato e de confidencialidade.
A análise e apresentação de resultados consideram o conjunto das respostas, não as individualiza.
Muito obrigado pela sua colaboração. Daniel Pedro, Luís Bom*

- 1- **Idade** (escreva apenas o nº de anos de idade (exemplo: 24, ou 32): _____
- 2- **Género** (marque Masculino ou Feminino com X) Masculino Feminino
- 3- **Habilitação Académica** (marque com X todas as respostas que correspondem ao seu caso)
- Licenciatura Doutoramento
 Mestrado Outra _____
- 4- **Faz o seu Estágio Pedagógico em que nível de ensino** (marque com X)
- 1º Ciclo Ensino Básico 3º Ciclo Ensino Básico
 2º Ciclo Ensino Básico Ensino Secundário
- 5- **Níveis de Ensino das turmas que lecciona** (marque com X)
- 1º Ciclo Ensino Básico 3º Ciclo Ensino Básico
 2º Ciclo Ensino Básico Ensino Secundário
- 6- **Níveis de Ensino Leccionados na sua Escola** (marque com X)
- 1º Ciclo Ensino Básico 2º Ciclo Ensino Básico 3º Ciclo Ensino Básico Ensino Secundário
- 7- **Cargos que desempenha na Escola ou Agrupamento** _____

8. Que **articulação curricular** existe entre ciclos, na sua Escola? Indique as **duas principais** medidas ou processos de articulação curricular vertical, na sucessão de ciclos de escolaridade, seja em relação à sua disciplina ou grupo, seja em relação ao seu departamento **dentro da sua Escola**.
- Em relação à minha disciplina ou grupo _____

- Em relação ao meu Departamento _____

- Em relação ao conjunto das escolas _____

9. Que **articulação curricular** existe entre as escolas do **agrupamento**? Indique as **duas principais** medidas ou processos de articulação curricular vertical, **entre as escolas do agrupamento**.
- Em relação à minha disciplina ou grupo (entre escolas do agrup.) _____

- Em relação ao meu Departamento (entre escolas do agrup.) _____

- Articulação global entre o **conjunto** das escolas do agrupamento _____

Muito Obrigado pela sua valiosa colaboração

3 - Discussão e apresentação de resultados

1ª Fase – Resultados das Entrevistas.

O conteúdo das entrevistas revela que as práticas correntes nas Escolas de referência dos entrevistados estão de acordo com a revisão bibliográfica. As principais questões mencionadas no estudo, relativamente aos temas fundamentais para o sucesso educativo dos alunos, especificamente em Educação Física, são abordadas pelos entrevistados no resumo das entrevistas.

Todos os entrevistados mencionaram a Conferência Curricular como um marco importante no processo de desenvolvimento e aplicação do Programa de Educação Física, mencionando também que este momento de reflexão é efectuado após dois momentos de avaliação, a inicial e a final. Também de acordo com o mencionado dos (PNEF, 2001), os entrevistados referiram a importância de aprovar decisões de alcance plurianual em conferência curricular, visto que as mesmas representam uma dinâmica de desenvolvimentos das condições de realização das actividades educativas.

Num primeiro momento, após a avaliação inicial, o objectivo será o planeamento e definição de prioridades, sendo que esta só faz sentido se a considerarmos fundamental para o tal planeamento e diferenciação de ensino, visto que delineará o rumo a todo o conjunto de decisões curriculares (Carvalho, 1994). Num segundo momento, o objectivo será a verificação de alinhamento entre aprendizagens esperadas definidas no plano plurianual e aprendizagens efectivas dos alunos, permitindo verificar se o plano necessita de reajustes face aos desempenhos dos mesmos.

Deste modo, convergimos para a visão de Araújo (2007), que sublinhou a necessidade de se utilizar a avaliação como suporte de todas as decisões relativas ao ensino e aprendizagem dos alunos. Também se converge para os PNEF, uma vez que o objectivo será prognosticar para projectar e aferir decisões anteriormente tomadas relativamente às orientações curriculares reajustando se necessário.

Ainda dentro da temática da avaliação, o Professor João Comédias, refere que só existe avaliação a partir do momento que existe interpretação. Mencionado também que as avaliações por si só não nos dizem nada, sem uma reflexão com vista para uma solução de melhoria dos desempenhos e aprendizagens. Esta reflexão está de acordo com a Lei de bases do Sistema Educativo, das novas reformas, que assume a avaliação como não tendo que medir e quantificar cegamente, mas sim, potenciar em detrimento de anular. Segue-se,

assim também, a lógica de Fernandes (2007), referindo a prevalência de uma avaliação pouco integrada orientada para a atribuição de classificações e não para o que os alunos sabem e são capazes de fazer, destacando a necessidade de interpretação e identificação de dificuldades para o desenvolvimento da avaliação formativa.

Relativamente ao currículo, importa mencionar a visão de Roldão (1999a), referindo que as aprendizagens que integram o currículo podem ser de vários tipos e estar organizadas de várias maneiras. Contemplando, deste modo, objectivos gerais e específicos de aprendizagens, competências a desenvolver e papel no percurso académico dos alunos.

Deste modo, convergindo a ideia de Siedentop et al. (1986), com a dos entrevistados, os Professores estão inevitavelmente envolvidos no design do currículo, sendo a criação deste uma importante parte da responsabilidade do Professor já que pode efectuar mudanças importantes num programa de uma Escola.

O currículo a leccionar nas Escolas vem expresso nos PNEF, porém, cabe ao grupo decidir, perante as necessidades das turmas, quando e como dará esse currículo. Tal como o Professor João Comédias refere, um grupo não decide se dá Dança ou não, mas sim se dá mais ou menos tempo de prática a esta matéria, tendo em vista o alcance dos objectivos finais de ciclo.

Também o Professor José Eduardo Monteiro, menciona o impacto do currículo relativamente à estabilização dos níveis de desempenho dos alunos, ou seja, o desenvolvimento dos alunos contacta-se transversal aos Professores, visto que as oportunidades de aprendizagem devem ser iguais, estando as práticas de ensino harmonizadas. Assim, a existência de documentos estruturantes como o currículo, permite que os Professores sigam determinadas referências focando-se em acções e conteúdos.

A Professora Lídia Carvalho, afirma como desvantagem o facto de se encarar o currículo de modo redutivo às Normas de Referência, os alunos trabalham sempre as mesmas matérias apenas para garantir a positiva, ou seja, desta forma existe um estreitamento do currículo e aprendizagens dos alunos.

Já o Professor Luís Bom refere-se ao currículo como um percurso, uma progressão, um caminho. Implicando que os alunos possam errar e corrigir, melhorar e repetir. Esta visão torna-se incompatível com situações de ensino por blocos, onde existe um bloqueio das aprendizagens dos alunos. Tal como é mencionado por Roldão (1999a), há um papel do currículo no percurso académico.

Quanto à diferenciação curricular, mencionada por vários autores, tal como Costa et al. (2000) e Siedentop et al. (1986), é encarada no âmbito de uma promoção da Escola Para Todos, que possua uma estrutura educativa e suporte social que se ajuste a todos, independentemente das condições e contextos, promovendo uma educação diferenciada que responda às necessidades individuais deixando de ser institucionalmente segregadora. Assim, o grande desafio é o de responder efectivamente às necessidades educativas de uma população escolar mais heterogénea, tendo a responsabilidade da adequação da resposta. Assim, pretende-se autonomizar a Escola para a criação de situações pedagógicas que tenham como palavras-chave a diferenciação, integração e sucesso curricular.

De acordo com esta visão, o Professor João Comédias afirma que após diagnosticadas as prioridades da turma, e de cada aluno, cabe ao Professor diferenciar as oportunidades de aprendizagem, para que todos consigam atingir o sucesso.

Também a Professor Lídia menciona que será o Professor o responsável pelas especificidades do desenvolvimento curricular de Educação Física da turma após a identificação fornecida pela avaliação inicial.

Quanto ao Professor Luís Bom, também menciona que são necessários os objectivos estabelecidos pelo currículo constituídos por uma operacionalização adequada ao desenvolvimento das necessidades dos alunos, que não podem ser definidos por um programa nacional que considera o aluno na sua generalidade e não na especificidade do contexto da turma. Também menciona um ensino integrado e flexível à gestão do currículo. Neste âmbito, de acordo com Costa et al. (2000) considera-se que a diferenciação curricular deverá assentar ao nível da flexibilidade do próprio sistema educativo. Surgindo, deste modo a possibilidade de escolha de currículos de acordo com as condições existentes e com o objectivo de potenciar o sucesso dos alunos, responsabilizando a Escola por este último. Justifica-se assim a abordagem dos entrevistados relativamente a esta temática.

No que diz respeito à temática do planeamento plurianual, um programa de Educação Física, deve responder às questões e necessidades dos alunos e é normalmente influenciado pelos valores da comunidade onde a Escola está inserida (Siedentop et al. 1986)

Embora haja um programa Nacional, não invalida a sua aplicação flexível, respeitando o ritmo individual de aprendizagem. Um programa de qualidade em Educação Física, foca-se na aprendizagem do aluno como objectivo primário. Tem existido trabalho

dos docentes ao nível de selecção de conteúdos e práticas inovadoras, consistentes com os Standards nacionais. (Ennis, 2003)

O Plano Plurianual deve servir como uma pegada para o desenvolvimento dos objectivos curriculares e de aprendizagem (Weiss e Levison, 2000). Assim, o Plano Plurianual torna-se responsável pela identificação do como (recursos, oportunidades), do quê (conteúdo, resultados) e o quando (horário de trabalho, sequência de currículo) é ensinado, bem como às medidas utilizadas para determinar se o estudante atingiu as aprendizagens esperadas (avaliação). Através do planeamento definem-se objectivos a atingir para o ano de escolaridade no final de ciclo ou ano não terminal e respectivos critérios de avaliação. O estabelecimento destes deve ter em conta a avaliação inicial, opções estratégicas em termos curriculares e critérios estabelecidos no ano/ciclo de escolaridade anterior para que a continuidade e articulação vertical estejam salvaguardadas (Harden, 2001).

O Professor José Eduardo Monteiro refere como indicador uma estabilização da evolução dos alunos, com a aplicação do Projecto Plurianual, independentemente do Professor.

O Professor Jorge Mira, de acordo com o referido acima, afirma que a necessidade de poder existir planos diferentes ou que necessitem de ser reajustados de acordo com as necessidades da turma.

O Professor Luís Bom, de acordo com tudo o que já foi mencionado, considera o Plano Plurianual como um instrumento de ensino que os Professores podem alterar sempre que se justifique. Este faz a integração das metas da Educação Física e define a progressão desejada. Na sua opinião, as metas são definidas como o conteúdo mais importante do Plano Plurianual, já que esclarecem o quadro de progressão. O Plano Plurianual não se trata de um plano de funcionamento, mas sim, de desenvolvimento do currículo.

Terminando, de acordo com a revisão bibliográfica e com o Professor João Comédias, no Projecto Plurianual, o grupo planeia os objectivos específicos com vista a atingir os objectivos finais de ciclo. Planeia-se desde a composição das metas e do currículo, gestão de recursos, formações de docentes, estratégias de grupo, e outros.

Apesar de os entrevistados mencionarem a conferência curricular e alguns dos seus objectivos (todos os entrevistados), a progressão relativa ao plano plurianual e o efeito de carrocel (Professor Luís Bom), bem como a avaliação inicial como relevante mais especificamente no 7º e 10º ano, nada de reflectiu nem indicou para o referir do conceito específico de articulação curricular.

Subjacente a todo este Processo, surge como uma componente importante a necessidade de existir uma boa liderança no grupo de Educação Física, de forma a orientar toda esta planificação para o sucesso de estratégias e da aprendizagem do aluno.

O Professor José Eduardo Monteiro descreve as dinâmicas de liderança no departamento. Menciona que tem de ser forte e reconhecida nos pares, mobilizando colegas para a compreensão da disciplina. São necessários bons líderes, argumentativos e que estabeleçam boas relações profissionais, para o grupo convergir para as ideias do líder, para o colectivo que é mais forte.

Neste âmbito, vai-se de encontro ao mencionado por Morrison (2002), que afirma que os líderes nas Escolas terão de recorrer à inteligência emocional, para implementarem relações inter pessoais positivas, promovendo inter dependência, comunicação, cooperação e auto organização.

Finalizando, de acordo com Brás e Monteiro (1998), é preciso saber intervir em conjunto, daí que seja necessário chegar à consciência do grupo, sem coesão não se dará a mobilização das vontades no sentido de uma acção conjugada pelo desenvolvimento da Educação Física.

2ª Fase: Questionários. 1ª Pergunta: Que articulação Curricular existe entre ciclos na sua Escola. Indique as duas principais medidas.

	Articulação curricular existente entre ciclos na sua Escola	
	Na sua Disciplina	No seu Departamento
<u>Escola Secundária da Portela</u>	Na sua Escola – Não existe, apenas na EF (Projecto Curricular).	
<ul style="list-style-type: none"> • Vice-Presidente da CAP • Coordenador DT do 3º ciclo 	Conteúdos interligados de ano para ano (MAT)	Articulação curricular entre MAT e CFQ entre todos os anos de Escolaridade.
<ul style="list-style-type: none"> • Coordenador Departamento de Expressões 	É determinante a preocupação em reforçar no básico, conteúdos que serão abordados no Secundário.	-
<ul style="list-style-type: none"> • Delegada de Grupo (EF) 	Projecto curricular de Educação Física; Critérios de avaliação	Projecto educativo de Escola; PAA.
<u>Escola Básica Quinta de Marrocos</u>	-	
<ul style="list-style-type: none"> • Director • Coordenadora de Expressões / Sub Coordenadora de EF do 2º ciclo 	Toda. Manifesta-se no quadro de composição curricular; Projecto curricular de EF (níveis do programa); Documento de avaliação dos alunos.	Nada. Excepto um tentativa da inclusão de 2 actividades no PAA que envolvam todas as disciplinas do agrupamento.
<u>Escola Secundária José Gomes Ferreira</u>	-	
<ul style="list-style-type: none"> • Coordenador Departamento de Expressões • Subdirectora 	Provas de avaliação no início do 7º ano e no final do 9º ano como processo de apuramento de resultados no sentido de reformular o Projecto Plurianual; Conferências Curriculares no final do ano que alimentam decisões para anos seguintes. Baseada nos programas curriculares.	Discussão ao nível das metodologias e didácticas dentro das línguas: Portuguesa, Francês e Inglês.
<u>Escola Secundária Padre António Vieira</u>	Aplicação de provas globais no 9º ano.	
<ul style="list-style-type: none"> • Delegado de Grupo (EF) 		Foram instituídas este ano provas globalizantes em todos os anos em Janeiro/Fevereiro e no final do ano lectivo.
<u>Eb1 Olivais (175)</u>	-	
<ul style="list-style-type: none"> • Coordenador AEC (EF) / Coordenador (DE) • Coordenadora Estabelecimento e Projecto TAPE 	Ajustamento das planificações mediante os resultados da avaliação inicial; Reuniões entre Professores do 2º e 3º ciclo. Dentro da Escola – Entre o Jardim de Infância e 1º ciclo, através de reuniões, Programa anual de actividades e projecto educativo.	

2ª Pergunta: Que articulação Curricular existe entre as Escolas do Agrupamento. Indique as duas principais medidas.

	Articulação curricular existente entre Escolas do agrupamento		
	Na sua disciplina	No seu departamento	Entre o conjunto de Escolas
<u>Escola Secundária da Portela</u>	Não existe.	Não existe.	Não existe.
<ul style="list-style-type: none"> Vice-Presidente da CAP Coordenador DT do 3º ciclo 	Em trabalho de pares, torça de materiais e experiências pedagógicas.	-	Não é visível (1º ano Agrupada).
<ul style="list-style-type: none"> Delegada de Grupo (EF) 			
<ul style="list-style-type: none"> Coordenador Departamento de Expressões 	É determinante a preocupação em reforçar no básico, conteúdos que serão abordados no Secundário. Verificável em reuniões de grupo.	-	-
<u>Escola Básica Quinta de Marrocos</u>	Reuniões de coordenação entre a Escola e os Professores das AEC'S.	-	Reuniões entre os Professores de Português e Matemática como ligação entre o 1º e 2º ciclo.
<ul style="list-style-type: none"> Director Coordenadora de Expressões / Sub Coordenadora de EF do 2º ciclo 	-	-	Houve duas reuniões relativamente às competências trabalhadas no 1º ciclo.
<u>Escola Secundária José Gomes Ferreira</u>	Não está agrupada.	Não está agrupada.	Não está agrupada.
<ul style="list-style-type: none"> Coordenador Departamento de Expressões Subdirectora 	Não está agrupada.	Não está agrupada.	Não está agrupada.
<u>Escola Secundária Padre António Vieira</u>	Não está agrupada.	Não está agrupada.	Não está agrupada.
<ul style="list-style-type: none"> Delegado de Grupo (EF) 			
<u>Eb1 Olivais (175)</u>	Reuniões entre coordenadores do 1º ciclo; Análise dos relatórios das AEC'S.	-	-
<ul style="list-style-type: none"> Coordenador AEC (EF) / Coordenador (DE) Coordenadora Estabelecimento e Projecto TAPE 	-	Reuniões de Departamento.	Reuniões de coordenação; Observatório de qualidade (Balanços). Exemplo: Grupos de nível.

Quadro resumo de Categorias.

Categorias	Modelo de Avaliação / Provas de Avaliação	Reuniões de Pares / Coordenação	Plano Anual de Actividades	Projecto Curricular de Disciplina	Observação de aulas do outro ciclo de Escolaridade	Projecto Educativo de Escola
Escola Secundária da Portela	x	x	x	x		x
Escola Secundária José Gomes Ferreira	x	x		x		
Escola Básica nº 175 – Olivais	x	x	x		x	x
Escola Básica Quinta dos Marrocos	x	x		x		
Escola Secundária Padre António Vieira	x					
Total de respostas dadas	5	4	2	3	1	2

Perante estas categorias, pode afirmar-se que algumas destas são referidas quer pelos Professores entrevistados, quer pela revisão de bibliografia como categorias que promovem a articulação vertical entre ciclos.

Uma vez que esta informação foi disponibilizada através de questionários, não foi possível verificar na prática estas formas de articulação curricular. Só pela leitura do quadro resumo, os leitores que não estejam por dentro do tema, certamente ficarão a pensar que o Plano Anual de Actividades; Projecto Educativo de Escola ou Reuniões de Departamento por si só significam articulação curricular, tal como responderam alguns Professores. Efectivamente, só essa informação não é conclusiva, visto que apenas informam o investigador de actividades gerias que todas as Escolas desenvolvem. Ao inquirir os Professores, poucos foram os que referiram especificamente duas medidas de articulação curricular e não apenas respostas generalistas.

Praticamente na maioria das Escolas, são referidas as categorias Modelo de avaliação em EF e Projecto Curricular de Disciplina como processos de articulação. Ao ter realizado o meu estágio pedagógico numa das escolas inquiridas, que até tem um Projecto Curricular de Disciplina e protocolo de avaliação inicial, obtive essa mesma resposta no sentido de se verificar articulação curricular, que no ano transacto pude constatar, como membro do grupo de educação física que não se verificou articular curricular alguma. Resta saber se os Professores conhecem realmente o conceito de articulação curricular vertical, ou efectivamente consideram que promovem uma articulação, no entanto, sem mencionar concretamente duas medidas de articulação.

Para que haja uma verdadeira articulação curricular, tal como referem os vários entrevistados na primeira fase do estudo, as categorias de articulação curricular efectivamente produtivas nas aprendizagens dos alunos são as reuniões de pares / grupo, o modelo avaliação e o Projecto Curricular de Disciplina. São processos identificados por especialistas na área, que tornam as suas Escolas de referência pelas suas práticas lectivas e dinâmica de grupo de EF.

É perante a interpretação dos resultados das avaliações iniciais, que em reunião de grupo, os Professores devem reflectir todo o planeamento lectivo dos alunos. A exigência deve ser ajustada às capacidades dos mesmos, uma vez que de ano para ano tem de haver evolução nos desempenhos, e aprendizagens novas. Assim se promove a articulação curricular, mediante esta inter-ligação de conteúdos programáticos, tal como vem expresso nos Programas Nacionais de Educação Física, referência para o Projecto Curricular de Disciplina nas Escolas.

Foi na Disciplina de Educação Física que se verificou um maior número de respostas destacando o Projecto Curricular de Disciplina.

A única Escola que realiza observação de aulas noutra ciclo de ensino, de acordo com as respostas obtidas, é Escola Básica nº 175 dos Olivais. No entanto, como os questionários aplicados apenas requeriam as duas principais medidas, e no seguimento da lógica do estudo efectuado por Capel et al, (2004), fica a dúvida de como a informação é trocada na Educação Física, que informação, e como é utilizada - particularmente, no como informa a continuidade e progressão do currículo em EF. Se essas observações forem meramente para avaliar os docentes das Aulas de Enriquecimento Curricular, que também é um dos objectivos neste caso, sem que haja uma efectiva interpretação das observações, continua sem existir qualquer tipo de articulação curricular vertical e no entanto a resposta foi mencionada no questionário.

No geral, as respostas obtidas nos questionários, possibilitaram a elaboração de várias categorias para a articulação curricular vertical nas Escolas, que são coerentes com os aspectos mencionados pelos especialistas.

Conclusões

A articulação curricular verifica-se em algumas Escolas, tal como deve ser efectuada, de acordo com a revisão bibliográfica. Contudo, ficaram pouco explicitas as melhores formas de articulação curricular. A Amostra não revelou resultados expressivos. O estudo devia ser alargado a mais Escolas, e os questionários a aplicar mais concretos. Os Professores referem medidas muito gerais, que julgam ser de articulação curricular, quando a mesma só existe quanto se verifica um trabalho forte de equipa nos grupos disciplinares, mediante aplicação de metodologias reflectidas em função das capacidades e necessidades dos alunos.

Analisando o conteúdo das Entrevistas, que em alguns casos são mais centradas nas questões da avaliação em EF (provas de avaliação aferida); noutros no ensino integrado da EF mediante aplicação das referências expressas nos PNEF, são sintetizados vários modelos de intervenção das Escolas perante um problema muito concreto, a problemática do Plano Plurianual com vista ao sucesso nas aprendizagens dos alunos.

Uma vez que as Escolas dos Professores entrevistados são consideradas como Referência, pelas suas boas práticas lectivas, importa partilhar estas metodologias na nossa área profissional. É o conhecimento que confere maior poder às práticas profissionais, conhecimento este fundamentado e argumentado.

As principais conclusões adjacentes a este estudo, São baseadas em autores de referência como também em Professores decisivos no desenvolvimento da Educação Física em Portugal, que actualmente realizam um trabalho exemplar nas suas Escolas.

Desta forma, após análise detalhada de todo o documento, certamente que vários Professores repensarão as suas práticas lectivas, centrando as suas preocupações no sucesso dos alunos, podendo de uma forma mais sustentada e argumentada sugerir ideias junto do seu grupo disciplinar ou até mesmo adoptar algumas das estratégias plurianuais apresentadas pelos autores e inquiridos.

Outro aspecto inovador, finalmente legislado pelo Ministério da Educação para todas as áreas disciplinares, tal como os Professores Luís Bom e Leonardo Rocha têm oportunidade de explicar no presente documento, são as “novas” metas de aprendizagem.

O Ministério da Educação teve necessidade de criar estas novas metas, de maneira a clarificar o currículo, avaliação e objectivos anuais. Tal como refere o Professor Leonardo Rocha, estas surgem com o objectivo de facilitar a leccionação aos Professores, clarificando o currículo dos alunos. Vêm responsabilizar ainda mais os Professores e

Escolas pelas aprendizagens dos alunos, portanto, surgem na mesma lógica do trabalho que já é desenvolvido em Educação Física, nas Escolas onde leccionam os grupos mais coesos, bem liderados que seguem as referências expressas no Programa Nacional.

Todo o documento foca informação preciosa para a actividade profissional de docente, especificamente de Educação Física.

É revelado, parte do melhor trabalho que é realizado em Educação Física, nomeadamente nas Escolas de Referência Luísa de Gusmão e Secundária José Gomes Ferreira.

Também foi possível apurar que em algumas Escolas não existe praticamente articulação curricular para além da disciplina de Educação Física, visto que vários inquiridos de outras áreas disciplinares e até mesmo directores e coordenadores de estabelecimento, não mencionaram medidas concretas e efectivas de articulação.

Bibliografia

- Araújo, F. (2007). A Avaliação e a Gestão Curricular em Educação Física – Um Olhar Integrado. *Boletim – Sociedade Portuguesa de Educação Física n°32*, 121-132.
- Bell, J. (1993). *Como realizar um projecto de Investigação*. Lisboa: Gradiva.
- Brás, J, & Monteiro, J.E (1998). A importância do grupo para o desenvolvimento da Educação Física. *Revista Horizonte*, 15 (86), pág. 1-12.
- Bronfenbrenner, U. (1994). Ecological models of human development. *In International Encyclopedia of Education*, 3, 2ª ed.. Oxford.
- Caldeira, J.R. (SD). *Escola para todos- Formação pessoal e social*. Consultado em 14 de Outubro de 2010: [www.malhatlantica.pt/ecae-cm/Escola para todos.htm](http://www.malhatlantica.pt/ecae-cm/Escola_para_todos.htm).
- Capel, S., Zwozdiak-Myers, P., & Lawrence, J. (2004). Exchange information about physical education to support the transition of pupils from primary and secondary school. *Educational Research*, 46 (3), 283-300.
- Carvalho, L. M. D. (1994). Avaliação das Aprendizagens em Educação Física. *Boletim – Sociedade Portuguesa de Educação Física n°10/11*, 135-151.
- Costa, A.M.B, Leitão, F.R., Santos, J., Pinto, J.V., & Fino, N.D (2000). *Currículos funcionais - Manual para formação de docentes*. Instituto de Inovação Educacional do Ministério da Educação.
- Ennis, C.D. (2003). What works in physical education: Designing and implementing a quality educational program. *Educational Horizons*, 77- 82.
- Fernandes, D. (2007). A avaliação das aprendizagens no Sistema Educativo Português. *Educação e Pesquisa*, 33 (3), 581-600.
- Hagens, V., Dobrow, MJ., & Chafe, R. (2009). *Interview transcript review: accessing the impact on qualitative research*. *BMC Medical Research Methodology*, 9 (47).
- Harden, R.M. (2001). Curriculum mapping: a tool for transparent and authentic teaching and learning. *Medical Teacher*, 23 (2), 123-137.
- Jewett, A.E, & Mullan, M.R (1977). *Curriculum design: Purposes and processes in physical education teaching-learning*. AAHPER publications, Washington D.C.

- Locke, F., & Lawrence F. (1989). Qualitative Research as a Form of Scientific Inquiry in Sport and Physical Education. *Research Quarterly for Exercise and Sport*, 60 (1), 1-20.
- Lopes, F., & Banhudo, M. (SD). *A caminho da Escola inclusiva: Inclusão, diferenciação e individualização*. Consultado em 14 de Outubro de 2010: <http://www.malhatlantica.pt/ecae-cm/CAMINHO.HTM>
- Marques, J.M.C (2007). Processos de liderança nos departamentos curriculares da Educação Física. *Revista Lusófona de Educação* v.12, 1.
- Morrison, K. (2002). *School Leadership and Complexity Theory*. RoutledgeFalmer. London.
- Pereira, P. (2000). A planificação dos Professores de Educação Física: Alguns contributos para o seu estudo. *Horizonte*, 16 (92), 14-18.
- Roldão, M. C. (1999a). *Gestão curricular: Fundamentos e práticas*. Lisboa: ME/DEB.
- Siedentop, D., Mand, C., & Taggart, A. (1986). *Physical Education*. Mayfield Publishing Company, Ohio.
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. (2005). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Silva, C.L, Veloso, E.L, & Rodrigues, J.C. (2008). Pesquisa qualitativa em Educação Física: Possibilidades de construção a partir do referencial cultural. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, 48, pág. 37-60.
- Silvério, T.I.N (2003). *A problemática do plano plurianual*. Monografia: Universidade Lusófona Humanidades e Tecnologias.
- Sousa, J. (1992). Pressupostos, princípios e elementos de um modelo de planeamento em Educação Física. *Revista Horizonte*, 8 (46), 1-8.
- Tuckman, B. W. (1994). *Manual de Investigação em Educação – Como realizar o processo de investigação em educação*. Edição da Fundação Calouste Gulbenkian, 2ª Edição, Outubro, 2002.
- Zabalza, M. (1992). *Planificação e desenvolvimento curricular na Escola*. Porto: Asa.

Outros Documentos

Bom, L., Costa, C., Jacinto, J., Cruz, S., Pedreira, M., Rocha, L., Mira, J., Carvalho, L.
Programas Nacionais de Educação Física 3º ciclo do Ensino Básico (2001).

Bom, L. *Regulamento de Estágio Pedagógico em Educação Física (2008/2009)*.
Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

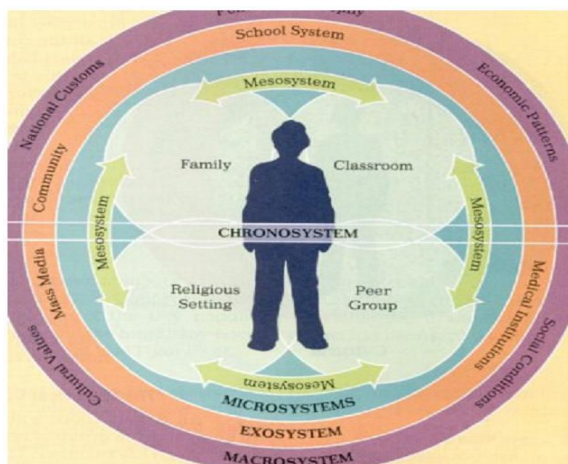
Projecto Metas de Aprendizagem (2010). Ministério da Educação.

Índice Remissivo

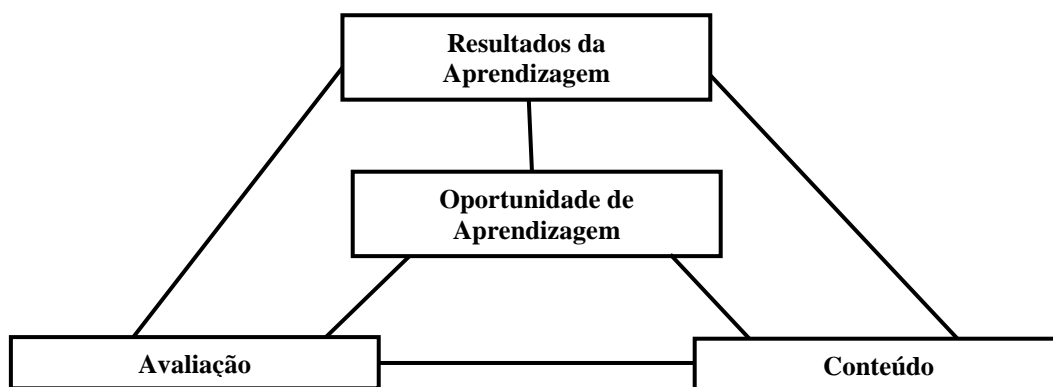
Resumo	1
Abstrat	2
Índice	3
Introdução	4
1 - Revisão Bibliográfica	7
2 – Métodos e Procedimentos	21
2.1 - Amostra	22
2.2 – Procedimentos e instrumentos	23
3 - Discussão e apresentação de resultados	26
Conclusões	36
Bibliografia	38
Índice Remissivo	41
ANEXOS	42

ANEXOS

1. Anexo 1. Teoria Ecológica de Bronffenbrenner numa perspectiva educacional.



2. Anexo 2. Quatro áreas de um mapa de currículo (Harden, 2001)



3. Anexo 3. Entrevista 1. “Planeamento Plurianual / Conferência Curricular”

<u>TÓPICOS</u>	<u>OBJECTIVOS GERAIS</u>	<u>OBJECTIVOS ESPECÍFICOS</u>	<u>PERGUNTAS TIPO</u>
A-Introdução à Entrevista	<p>1. Apresentação do entrevistado e entrevistador</p> <p>2. Informar sobre a Entrevista</p>	<p>2.1- Informar sobre objectivos e tema da entrevista.</p> <p>2.2- Informar sobre a duração da entrevista.</p>	

		<p>2.3-Pedir autorização para gravação áudio</p> <p>3.1- Questionar sobre Percurso Académico e Profissional</p>	<p>✓ Fale-me um pouco do seu percurso de vida a nível académico e profissional.</p>
<p>B-Conferência Curricular</p>	<p>1. Importância que cada Escola dá à Conferência Curricular</p>	<p>1.1-Questionar qual a importância da Conferência Curricular na respectiva Escola.</p> <p>1.2-Solicitar Informação sobre linhas orientadoras e estrutura da sessão da Conferência Curricular</p>	<p>✓ Gostaria que falasse agora da importância que a Conferência Curricular tem na sua Escola</p> <p>✓ Explique-me como se estrutura a sessão e que temas são abordados (ex: ordem de trabalhos)</p>
<p>C-Planeamento Plurianual</p>	<p>1.Caracterização do Planeamento Plurianual da Escola</p>	<p>1.1- Identificar se há ou não P.P e questionar sobre eficácia do mesmo</p> <p>1.2 -Questionar sobre as principais estratégias de diferenciação pedagógica anuais/ plurianuais</p>	<p>✓ A sua Escola possui Plano Plurianual? Se sim, o que pode mencionar quanto à eficácia do mesmo?</p> <p>✓ Fale-me agora acerca das principais estratégias de diferenciação pedagógica anuais e plurianuais mais utilizadas na sua Escola.</p>

	2. Identificar quais as repercussões da Conferência Curricular em todo o Planeamento Plurianual em cada Escola	2.1- Solicitar informações acerca das mudanças e ajustes do P.P acordados em Conferência Curricular	✓ O que pode referir relativamente à relação existente entre as mudanças e ajustes do P.P e a existência da Conferência Curricular?
D- Observações Finais	1. Finalizar a entrevista	1.1- Esclarecer dúvidas 1.2- Agradecer	✓ Para terminar, tem algum tipo de dúvida, questão que gostasse de ver esclarecida ou observação que considere pertinente. ✓ Agradeço a sua disponibilidade e colaboração, será bastante importante para a elaboração do meu estudo.

4 – Anexo 4. Entrevista 2. “Articulação curricular / Metas de Aprendizagem”

<u>TÓPICOS</u>	<u>OBJECTIVOS GERAIS</u>	<u>OBJECTIVOS ESPECÍFICOS</u>	<u>PERGUNTAS TIPO</u>
A- Introdução à Entrevista	1. Apresentação do entrevistado e entrevistador 2. Informar sobre a Entrevista	2.1- Informar sobre objetivos e tema da entrevista. 2.2- Informar sobre a	

		<p>duração da entrevista.</p> <p>2.3-Pedir autorização para gravação áudio</p> <p>3.1- Questionar sobre Percurso Académico e Profissional</p>	<p>✓ Fale-me um pouco do seu percurso de vida a nível académico e profissional.</p>
B- Agrupamento de Escolas	1. Finalidade do Decreto de Lei	<p>1.1-Questionar qual o objectivo específico deste decreto-lei.</p> <p>1.2- Quais as vantagens e desvantagens,</p>	<p>✓ Gostaria que me descrevesse no que consiste o decreto de lei dos Agrupamentos de Escola e a sua finalidade primordial. (verificar se menciona a articulação do currículo, se não, mencionar)</p> <p>✓ Explique-me quais as vantagens e possíveis desvantagens desta decisão.</p>
C- Projecto Metas de Aprendizagem	1. Descrição do Projecto Metas de Aprendizagem	<p>1.1- Verificar qual o papel assumido pelo entrevistado neste projecto.</p> <p>1.2-Questionar acerca dos objectivos específicos e</p>	<p>✓ Que papel desempenhou na elaboração das Metas de Aprendizagem?</p> <p>✓ Que novo contributo vêm dar estas Metas à aprendizagem dos alunos?</p> <p>✓ Porque motivo o</p>

		continuidade do projecto. 1.3-Questionar acerca da finalidade de articulação de currículo.	Ministério da Educação sentiu necessidade de as criar? ✓ Como se relacionam com a articulação curricular?
E- Observações Finais	1. Finalizar a entrevista	1.1-Esclarecer dúvidas 1.2- Agradecer	✓ Para terminar, tem algum tipo de dúvida, questão que gostasse de ver esclarecida ou observação que considere pertinente. ✓ Agradeço a sua disponibilidade e colaboração, será bastante importante para a elaboração do meu estudo.

5. Resumo das Entrevistas.

5.1- Entrevista 1. Professor João Comédias (Validada)

O Professor João Comédias refere que já foi dada mais importância à Conferência Curricular na Escola Secundária Dona Luísa de Gusmão.

Actualmente, existe na Escola uma clara inovação no ensino. Esta inovação consiste em provas de avaliação formais, no final da avaliação inicial. Fazem parte da primeira etapa do planeamento, a de recepção e orientação inicial dos alunos. As provas consistem numa avaliação aferida, certificadas por um júri, sendo que o mesmo não é o Professor da turma.

Aos sucessivos balanços destas provas, deixou de chamar-se Conferência Curricular, no entanto a mesma não perdeu valor, pelo contrário. É em Conferência

Curricular que os Professores têm oportunidade de efectuar uma reflexão sobre as avaliações dos alunos e a partir daí tomar decisões relativamente ao planeamento da turma.

O momento deste balanço é realizado a seguir à primeira etapa e no final da última, respectivamente prognóstico e produto. Esta reflexão, assume uma importância fulcral nas aprendizagens dos alunos, visto que é mediante a interpretação destes resultados que se irão tomar decisões ao nível da didáctica; do currículo; de implementação de recursos; planeamento; formação de Professores entre outros.

As provas evidenciam potencialidades e fragilidades tanto do grupo de Educação Física como dos alunos. Os resultados dos alunos, permitem clarificar onde o grupo colectivamente é mais frágil ou mais forte no ensino. Esta avaliação é idêntica a um retrato do percurso que os alunos demonstraram ao longo do ciclo. Permite comparar resultados do progresso dos alunos em cada ano, diagnosticando problemas e pensar em soluções.

Se por exemplo a desmarcação é diagnosticada como problema na avaliação, esta informação permite ao grupo reflectir sobre o que fazer para melhorar este problema. Os jogos sem drible ou a restrição do tempo em pose de bola, são estratégias possíveis a adoptar para solucionar o problema.

Após diagnosticadas as prioridades da turma, e de cada aluno, cabe ao Professor diferenciar as oportunidades de aprendizagem, para que todos consigam atingir o sucesso. Desta forma, entramos na diferenciação de ensino.

Os dados recolhidos também permitem estipular algumas estratégias ao nível da implementação de recursos, como por exemplo, alisar o piso exterior de maneira a haver patinagem em todas as aulas fora do ginásio, uma vez que os alunos estão com enormes dificuldades nesta matéria.

As acções de formação para os Professores, assumem-se como outra estratégia utilizada na Escola com o objectivo de melhorar as aprendizagens dos alunos. Após analisar os resultados das avaliações, os Professores identificam as matérias prioritárias para formação e tomam várias decisões. É também pela forma como se avaliam os alunos que os mesmos têm melhores ou piores desempenhos.

A avaliação em Educação Física assume então um papel fundamental, em todo o planeamento. Após a mesma, o Professor já enfrenta todo o ano lectivo consciente do nível da turma, sabendo as suas limitações e potencialidades.

As conclusões das Conferências Curriculares são decisivas para modificar a forma como atingir os objectivos de ciclo. O nível de exigência, as prioridades, e até mesmo o

próprio plano plurianual, podem sofrer alterações mediante os desempenhos dos alunos desse ano lectivo. A Conferência Curricular é determinante na medida em que ajuda os Professores a definir prioridades e a estipular objectivos a atingir no final do ano, objectivos específicos.

Ainda relativamente ao valor inquestionável das provas aferidas, o Professor refere que as mesmas não revelam apenas os resultados observados pelo Professor da turma, mas sim, pela globalidade dos seus colegas. Dados validados por terceiros, são bastante mais fidedignos.

Só existe avaliação a partir do momento que existe interpretação. Os dados das avaliações por si só não nos dizem nada, tal como a temperatura proveniente de um termómetro não nos diz qual a cura ou solução para a doença. Se não existir reflexão em torno dos dados, não haverá certamente solução para melhorar os desempenhos e aprendizagens dos alunos. Os dados podem e devem ser interpretados tendo como referência critérios, que estão expressos nos programas nacionais de Educação Física, sempre tendo em conta as Normas de Referência para o Sucesso em Educação Física.

Quanto ao Projecto Plurianual da Escola, é fundamental para balizar o ensino e aprendizagem dos alunos. Tem que estar sempre presente uma Avaliação forte, pura e dura, para que os resultados dos alunos melhorem exponencialmente. Confirmados pelas provas, os resultados têm vindo a melhorar sempre. Isto porque existe avaliação, interpretação da mesma, tomada de decisão, efeito clarificador do currículo para os alunos, e melhoria das aprendizagens. Ou seja, quando se fala do nível introdução da ginástica acrobática, os alunos sabem exactamente o que têm de fazer conseguir o nível. A avaliação tem um efeito clarificador enorme do currículo, logo os resultados melhoram.

No Projecto Plurianual, estão definidas as prioridades por ano, no conjunto das matérias. Um grupo não decide se tem dança ou não, o grupo planeia os objectivos específicos, por exemplo, se dá mais dança ou basquetebol, com vista a atingir os objectivos finais de ciclo.

No Projecto Plurianual tudo deve estar bem explícito. Desde a composição das metas e do currículo, a gestão de recursos, as formações programadas para os Professores, decisões no regime de opções dos alunos em função da análise das avaliações, estratégias de grupo, tal como o regulamento interno de Educação Física. Para uma equidade na avaliação dos alunos, tudo deve começar por aqui, por começar a cumprir o regulamento da mesma forma.

5.2- Entrevista 1. Professor José Eduardo Monteiro (Validada)

O Professor José Eduardo Monteiro refere que na Escola Secundária Stuart Carvalhais existe um Projecto Curricular que simultaneamente é protocolo de avaliação.

No final de Outubro, após o período de avaliação inicial, verificam-se quais as áreas de desenvolvimento prioritárias, particularmente no 7º e 10º ano, visto que são os anos em que entram alunos novos, muitos sem bases de aprendizagem. É do conhecimento da Escola que estes são provenientes de outras duas Escolas onde não se trabalham algumas matérias do actual Projecto Curricular. Desta forma, a Conferência Curricular tem uma importância essencial, particularmente nestes dois anos lectivos. É prática comum na Escola a continuidade pedagógica, assim, estes dois anos de Escolaridade são os mais problemáticos visto que ainda não passaram pela estrutura de ensino da Escola, e há mais trabalho a fazer.

Quanto aos outros anos lectivos, no final do ano também é realizado um balanço final das aprendizagens dos alunos, com vista a perceber se as prioridades ainda se mantêm.

A Escola ensina a Educação Física na lógica que expressam os Programas Nacionais de Educação Física e suas devidas referências em termos de níveis de desempenho. Por exemplo, no Projecto Curricular as referências do 7º ano são o nível introdução, 8º, 9º e 10º ano o nível elementar, 11º e 12º ano o nível avançado, ensinando todas as matérias para depois avaliar os alunos onde evidenciaram melhores resultados.

A Escola também tem implementado provas globais no final de cada ciclo, com júris, não fazendo o Professor da turma parte desse mesmo júri, com o objectivo de concluir se os níveis de desempenho, estão próximos dos níveis de qualidade do programa.

Assim, têm-se verificado ao longo dos anos três indicadores:

1. Mais estabilização da evolução dos alunos independentemente do Professor. Com a aplicação do Projecto Plurianual, tem-se verificado que o ensino está mais estável, as aprendizagens não se devem apenas ao impacto do professor, mas sim, pelo impacto do currículo, sendo que o desenvolvimento dos alunos se constata transversal aos Professores, uma vez que as oportunidades de aprendizagem são iguais, estando as práticas de ensino harmonizadas;

2. Em várias matérias já se trabalha o nível de desenvolvimento de referência do projecto curricular;

3. Nos torneios inter-turmas das várias matérias verifica-se uma maior adesão, sendo que os resultados dos jogos são expressivos, e não 0-0. Muito devido à abordagem diferente no ensino dos jogos desportivos colectivos, mais focada no objectivo do jogo e menos em questões técnicas.

Estas melhorias no desenvolvimento da Educação Física, devem-se essencialmente a três motivos.

1- **Existência de documentos estruturantes**, de organização curricular.

O Projecto Curricular e o Sistema de Avaliação. Os Professores apropriaram-se desses documentos, seguindo essas referências, focando-se em acções e conteúdos. Como por exemplo, como se avalia, ou quando se avalia.

O Professor José Eduardo Monteiro aproveita para referir que actualmente não concorda com a designação de protocolo de avaliação inicial, uma vez que em algumas Escolas esta designação suscita alguma confusão. O protocolo de avaliação tem que ser interpretado de igual forma no início e no final do ano, é o mesmo. Não pode ser aplicado de uma maneira no início do ano, e de outra forma no final. Têm que ser aplicados os mesmos critérios, as mesmas referências, as mesmas situações de avaliação no início e no final. Tem que existir apenas um protocolo de avaliação.

2- **Plano de formação interna**.

O mesmo existe com o objectivo de resolver problemas relacionados com a aplicação do Projecto Curricular. Tem sido o instrumento fundamental para harmonizar as práticas e por este motivo, não existe tanto impacto nas aprendizagens dos alunos quando se troca de Professor na Escola.

Todos os anos existem quatro momentos de formação. Dois relacionados com as matérias, mediante as dificuldades ao nível do ensino das mesmas, onde são focados aspectos relativos às metodologias de ensino e organização do espaço de aula. Outros dois centrados em temas transversais da Educação Física, como por exemplo a formação de grupos, o planeamento, a avaliação, entre outros. Uma das conclusões a que a Escola já chegou, revela que é no planeamento e nas metodologias de ensino onde residem as maiores dificuldades.

3- **Dinâmicas de liderança**.

A liderança tem que ser forte e reconhecida nos pares. A liderança no departamento tem que irradiar para vários sentidos. Para dentro e fora do departamento com vista à sua consolidação, mas principalmente para dois sítios fundamentais, o conselho pedagógico e direcção. Nos últimos anos a Educação Física tem tido uma boa

liderança, elaborando um trabalho pedagógico de mobilização dos outros colegas para a compreensão da disciplina, para todo o trabalho do departamento não se desmoralizar devido às pressões externas que são demasiado grandes. Perante esta forte liderança, é mais fácil enfrentar os problemas que vão surgindo, principalmente em questões relacionadas com a avaliação, uma vez que o nosso sistema de avaliação é diferente da maioria das outras disciplinas e por vezes nem todos os pais e directores de turma o compreendem.

Muito do desenvolvimento da Educação Física passa por este processo de liderança. São necessários bons líderes, muito argumentativos, que estabeleçam boas relações profissionais independentemente das opiniões. O objectivo é que haja uma mobilização das pessoas para as ideias do líder, visto que o mesmo sozinho não faz nada, precisa do colectivo.

Nas reuniões de departamento, que podem e devem ser reuniões de trabalho, é necessário criar problemas, no bom sentido, e encontrar soluções, deixando tudo devidamente escrito. Formalizar o que se pensa, numa forma clara e didáctica, dando vários exemplos se necessário. Assim se consegue mobilizar as pessoas. Para apoiarem e suportarem as ideias do líder, que passam a ser de todos. Quando estamos sozinhos e destacados, somos alvo a abater, colectivamente somos mais fortes.

Numa perspectiva da didáctica e planeamento, o Professor refere que se garantirmos o mesmo tempo de aprendizagem para todos os alunos em várias áreas, o planeamento não segue a lógica das etapas. A maioria dos Professores organiza as aulas por áreas, no entanto, os alunos realizam os mesmos exercícios, durante o mesmo tempo, não havendo diferenciação. Tem de haver uma lógica de oportunidades diferenciadas, onde alguns alunos possam trabalhar mais ginástica, outros mais basquetebol, com níveis de exigência diferentes, adequados às suas capacidades.

O líder do grupo, e o Professor da turma deve colocar a seguinte questão todos os anos, o que quero ganhar com este ano? O que vão ganhar os alunos com este ano? E no final realizar um balanço desses mesmos ganhos.

Um dos principais problemas no Ensino é a liderança fraca. Os bons líderes não o querem ser, e os menos bons estão muitas vezes no comando sem essa capacidade. Para se ser um bom líder é necessário ter perfil, pensar, estudar, saber como lidar com as pessoas. É preciso trabalhar muito. Tem que se estudar e actualizar conhecimentos constantemente. Também é indispensável exercitar essas funções, tal como os alunos devem exercitar muito

tempo as suas práticas nas aulas, só assim é que se aprende. Tem que custar, haver empenho, esforço, dedicação, exercício.

5.3- Entrevista 1. Professor Jorge Mira (Validada)

O Professor Jorge Mira, actualmente a leccionar na Escola Secundária de Benfica, refere que a Conferência Curricular é um momento extremamente importante. É momento aferir as decisões plurianuais de avaliação e objectivos para os intervenientes no processo ensino aprendizagem. São efectuadas em dois momentos distintos, no final da avaliação inicial em Novembro e no final do ano lectivo. São realizadas geralmente por ciclo, uma de básico, outra de secundário. Desta forma, clarifica o nível de desenvolvimento dos alunos que vêm do básico, ajudando os Professores a delinear um modelo de intervenção mais articulado, embora também existam reuniões apenas de 7º ano, ano de recepção dos alunos mais jovens.

Existe a ordem de trabalhos e um conjunto de fichas que os Professores têm que levar para a reunião. Levam a síntese dos resultados da avaliação inicial, de todos os alunos das várias turmas, e outra síntese com as suas hipotéticas decisões relativamente às matérias mais fracas e prioritárias, uma vez que a decisão final é sempre na conferência.

É na reunião que existe um reajuste de decisões plurianuais e anuais caso seja necessário, quer a nível de objectivos como também ao nível do protocolo de avaliação. De geração em geração, podem, sempre que se justifiquem, fazer-se ajustes nos planos plurianuais.

Mediante o nível de desempenho dos alunos, poderão existir planos diferentes, na medida em que uma geração pode seguir um programa de prioridades diferente de outra geração.

São necessárias garantir condições para que haja sucesso na implementação do Projecto Plurianual, tais como:

- 1- Protocolo de avaliação comum a todas as turmas;
- 2- Aferição de critérios;
- 3- Validade na avaliação.

Na Escola efectuam uma prova de avaliação no início do 7º e final do 9º ano, com o objectivo de recolher informação mais válida. É apenas um momento esta prova, sendo que felizmente a avaliação inicial não é apenas um momento, e os seus resultados podem

até nem coincidir com os do Professor, no entanto, fazem-no questionar-se e pensar novamente nos desempenhos dos seus alunos, ajudando-o a validar os resultados.

São também efectuadas provas nas matérias que colectivamente se estão a obter piores resultados, onde não se estão a realizar boas aprendizagens. Assim se consegue realizar a aferição de critérios, visto que o júri pode discutir aspectos relacionados com a avaliação que estão a observar simultaneamente e monitorizar o processo de aprendizagem.

Na Conferência Curricular o grupo identifica os problemas. E decide por exemplo, fazer uma acção de formação sobre determinada matéria, abordando as questões do planeamento e da didáctica específica da mesma. Posteriormente, cabe ao Professor da turma, dar mais ou menos tempo de prática dessa matéria aos alunos, diferenciar o ensino, entre outras estratégias. Um dos motivos para o insucesso dos alunos será sempre o método de ensino do Professor. Portanto, destas reuniões de Conferência Curricular surgem sugestões colectivas para resolver problemas individuais dos Professores com as suas turmas. Desta forma, o Professor toma melhores decisões e com um maior conformo.

É necessário reconhecer o valor da Conferência Curricular, visto que há sempre algo que o Professor ganha por ser participante nas mesmas, algo que contribui para a sua formação enquanto Professor. Estas ajudam o Professor a definir o seu plano da turma, os objectivos a alcançar. Antes de fazer o plano, tem que saber claramente onde quer chegar, qual o objectivo a alcançar. Só se faz um plano para se conquistar alguma coisa e o mesmo pode ser feito individualmente e colectivamente.

Os alunos estão com enormes dificuldades nos Jogos Desportivos Colectivos. O grupo decide diminuir o nível de exigência nesse ano lectivo. Passa a apostar em jogos pré desportivos, de tal forma que o nível introdução poderá ser na bola ao fundo que não é matéria, mas é uma estratégia combinada pelo grupo, que é prioritária para os alunos nesse ano. É mais um exemplo de uma decisão colectiva, com o objectivo de solucionar um problema diagnosticado em grupo, que afecta individualmente os alunos e o Professor da turma.

5.4- Entrevista 1. Professora Lídia Carvalho (Validada)

A Professora Lídia Carvalho refere que na Escola onde actualmente lecciona, Escola Secundária José Gomes Ferreira, já existiram vários momentos de importância na Conferência Curricular. Numa primeira fase, foi necessário construir tudo de raiz, houve necessidade de criar o projecto de Educação Física. Actualmente não é determinante na

construção do currículo, mas sim, na análise dos resultados e na avaliação dos alunos, tal como no balanço das estratégias que são implementadas no sentido de alcançar objectivos.

A Conferência Curricular tem lugar em vários momentos distintos. No final da avaliação inicial, e, por exemplo, no final de cada período lectivo. Estas reuniões já foram organizadas de várias formas, quer por anos, por ciclos, e mais recentemente têm sido em reunião de grupo.

As principais linhas orientadoras das reuniões são: interpretar os dados das avaliações iniciais; análise de casos críticos; matérias prioritárias para o conjunto das turmas/ano; análise do nível de desempenho dos alunos; prognóstico para esse ano e ciclo; alunos com atestados médicos; alunos com necessidades educativas especiais e estratégias colectivas para resolver estes problemas.

Destas reuniões surgem várias decisões que assumem um papel de “chapéu” para outras decisões do Professor da turma. Ou seja, o Professor pode posteriormente basear as suas opções nas decisões do grupo. Nas restantes Conferências Curriculares, realizam-se constantes balanços das estratégias implementadas e verificação dos objectivos alcançados.

As estratégias mais comuns do grupo de Educação Física passam pelas aulas de apoio em EF e pela formação dos Professores. Por exemplo, todos os anos têm acções de formação na dança e patinagem. Este ano, foi no Badminton que se verificaram as maiores dificuldades nas aprendizagens e no ensino, logo, a acção de formação foi sobre esta matéria.

Nos últimos anos implementaram-se na Escola provas de aferição na avaliação inicial, uma prova prática, com júri, nas matérias consideradas mais críticas, com o propósito essencial de comprometer os alunos com a aprendizagem e proceder à aferição de critérios nessas matérias. Este tipo de prova repete-se no final do ano para se avaliar a progressão dos alunos.

Relativamente às decisões sobre o plano anual da turma, essas são da responsabilidade do Professor. Em função da avaliação inicial, decide o percurso que irá seguir com a turma, com base nas referências decididas pelo grupo, como por exemplo as matérias prioritárias por ano de Escolaridade mediante as avaliações iniciais do conjunto das turmas/ano e o projecto de desenvolvimento curricular de EF

Sem a Conferência Curricular não se detectam colectivamente os problemas, nem se pensam em soluções. Qualquer implementação comum de uma estratégia, de compromisso comum, é impossível sem estes momentos de reflexão e reunião.

É necessário que todos estejam devidamente aferidos, com um olhar treinado e semelhante sobre a Educação Física, para que a discussão seja benéfica. Os Professores devem ter discussões com referência a critérios, que estão expressos nos programas, e não apenas discutir sobre aspectos relativos às suas convicções, sem os fundamentar. É fundamental que haja uma preparação prévia para a reunião, onde se vão transmitir e evidenciar os problemas, dificuldades, e fragilidades.

É o momento chave para procurar chegar às melhores decisões, tendo em conta o sucesso dos alunos. E o sucesso não significa somente ter positiva. Os alunos devem ser bons em todas as áreas, ou seja, “bem-educados fisicamente”. Ter conhecimento teórico das práticas, cooperar com os colegas, uma atitude exemplar no espaço de aula, entre outros. A tudo isto, sim, podemos considerar sucesso em Educação Física.

Infelizmente o que se verifica em alguns casos, é o facto de se reduzir o currículo às Normas de Referência para o sucesso em Educação Física, quando nem sempre é necessário, ou seja, os alunos trabalham sempre as mesmas matérias apenas para garantir a positiva. Tem as suas vantagens e desvantagens. Se para os menos hábeis é necessário ter “pontaria”, e apostar nas melhores matérias dos alunos para alcançarem a positiva, noutros casos não se justifica estreitar o currículo visto que os alunos têm condições para aprender matérias de todas as áreas da Educação Física.

5.5- Entrevista 1. Professor Luís Bom (Validada)

Na Entrevista realizada ao Professor Luís Bom, especialista conhecido na área da Educação Física, foi possível aprofundar alguns temas fundamentais para o estudo.

O especialista afirmou, que a Conferência Curricular foi uma designação criada pelos Professores que integraram a equipa de programas e resultou da necessidade de distinguir quais as etapas do trabalho do grupo de Educação Física na decisão sobre o processo curricular.

Foram então criadas várias designações, *Conferência curricular*, onde se tomavam decisões relativas ao Projecto Plurianual e Projecto Curricular de Educação Física, modelos de Plano Anual entre outros; *Conferência de avaliação* onde se analisavam protocolos de avaliação e processos de aferição de critérios, marcação das provas e situações de avaliação; e *reuniões para organização e gestão de recursos*, nomeadamente espaciais. Portanto, Conferência curricular, foi a designação institucional encontrada para a

reflexão de todos estes temas decisivos para o desenvolvimento da Educação Física. A conferência curricular tem fundamentalmente dois grandes momentos. O primeiro, após a avaliação inicial, onde se vão apurar e reunir o conjunto das informações da avaliação inicial e fazer a apreciação do que é necessário desenvolver ou ajustar no plano plurianual, em cada um dos anos, nomeadamente nesse ano lectivo. É feito nesta fase, ainda com praticamente todo o ano lectivo pela frente, para que haja tempo de ajustar o Plano Plurianual face às necessidades dos alunos. O segundo momento, realiza-se após a avaliação final, no produto das aprendizagens, onde é efectuado um balanço do ano e modificado o Plano caso se justifique.

O Plano Plurianual é um instrumento de ensino dos Professores, portanto os Professores podem alterar sempre que se justifique aquilo que é seu. Este não tem que ser necessariamente 7º, 8º e 9º, nem 10º, 11º e 12º. Tem que se ter em atenção o desenvolvimento dos alunos nos vários anos de Escolaridade, nos prazos estipulados para alcançar determinados objectivos. Dentro de uma lógica de anos.

O Plano Plurianual faz a integração das chamadas metas da Educação Física anuais e plurianuais, e define a progressão desejada para uma determinada população Escolar nos vários anos. Este estrutura-se não por turma, mas sim por conjuntos de anos. Fazendo uma sequência do conjunto das turmas, por gerações, no conjunto dos anos considerados no âmbito plurianual, que não é necessariamente um ciclo. Exemplo: 2004 a 2007, 2006 a 2010.

Esta nomenclatura pode suscitar algumas dúvidas visto que actualmente chamamos anos a duas situações: o ano de curso, que é o ano Escolar; e ano lectivo, 2010/2011 por exemplo. Logo, quando se fala em Plano Plurianual, as pessoas pensam que se fala de anos lectivos, outras vezes julgam ser os anos de curso, exemplo 7º, 8º ano. É a integração de ambas as coisas.

Assim se decidem as metas a colocar para as diversas gerações de alunos a atingir num determinado período ou ciclo de anos.

Utilizou-se o conceito de metas em 1990, visto que se tinham definido programas por objectivos, estando por níveis da especificação das matérias, tal como objectivos gerais por área e subárea da Educação Física, agora designados por domínios, no quadro do projecto das metas do ministério da Educação em 2010. Estes objectivos gerais eram iguais para todas as Escolas, sendo que as mesmas tinham de ajustar para posteriormente aplicar.

A questão que se colocava era se os Professores teriam que alcançar todos esses objectivos para que o aluno tivesse sucesso e para marcar justamente a sua progressão. Foi

então utilizado o conceito de metas como a marcação do domínio das matérias em termos de níveis completos. Isto significa que, os Professores podiam organizar entre si e com os seus alunos o Plano Anual e Plurianual em termos de certificação, por exemplo: dois níveis introdução e um elementar nos Jogos Desportivos Colectivos no 9º, ou dois níveis elementares e três introduções para o conjunto de alunos do 7º ano, no final de 2010/2011. Portanto, criaram essas designações específicas, que são as metas de aprendizagem. Estas são o conteúdo mais importante do Plano Plurianual, no sentido de esclarecer e desenhar o quadro de progressão dos alunos por geração, ou do conjunto da Escola para as gerações sucessivas que vão passando pelo currículo, no prazo estipulado no Plano Plurianual. Portanto esta progressão de metas é o compromisso de resultados que à partida os Professores assumem como desafio para o desenvolvimento do seu ensino.

O Plano Plurianual não se trata de um plano de funcionamento, mas sim, de desenvolvimento do currículo. O currículo é o aspecto nuclear e central para a estruturação do funcionamento da Escola.

A definição de objectivos por ciclo e a indicação da especificação das matérias, não substitui a necessidade dos Professores organizarem o plano de desenvolvimento dos seus alunos, para a sua Escola, no âmbito plurianual. Os Professores utilizam o “mapa” referencial dos PNEF, para um plano efectivo de compromisso real de ensino, progressão e realização das aprendizagens dos alunos. Toda a dinâmica de aplicação deste plano, é pilotada a partir das avaliações iniciais e finais dos alunos. Este plano, plano anual da turma, se for implementado numa perspectiva de blocos, em que se atribui um determinado tempo e espaço, quer concentrado, quer fragmentado, a determinada matéria, não dará nenhum sentido ao Plano Plurianual, visto que a progressão fica inviabilizada. Assiste-se desta forma ao efeito carrocel, que o próprio Professor Luís Bom identificou em 1986. Ou seja, os alunos sistematicamente de ano para ano repetem as aprendizagens dos mesmos níveis nas mesmas matérias, devido ao facto de nesse modelo por blocos, haver uma concentração naquele espaço e naquele tempo. Assim, o plano anual, é uma sucessão de módulos nas matérias, e não uma sequência de etapas de aprendizagem, trabalhando por objectivos, progredindo nas prioridades e necessidades dos alunos.

O que está em causa no modelo por blocos, é o facto dos alunos apenas passarem pela experiência das matérias, durante dez ou quinze aulas, tendo muito pouco tempo para aprender, e demasiado tempo para esquecer, visto que só depois no ano seguinte terão novamente essa matéria, se tiverem, o que cria um bloqueamento do currículo.

O currículo tem que correr, é um percurso, uma progressão, um caminho, uma viagem que se faz. Não se compadece com situações onde os Professores organizam blocos de informação que terminam depois da sua leccionação, não existindo aprendizagem efectiva. Esta, implica que os alunos possam errar e corrigir, melhorar e repetir.

Este processo foi definido pela Educação Física em 1990, e foi muito mal compreendido pelo Ministério da Educação relativamente às orientações metodológicas, visto que se pensava que os programas serviam meramente para indicar a estrutura dos manuais, que no caso da Educação Física nem faria muito sentido, tal como em outras áreas. No entanto, esse modelo instituído pela Educação Física, veio mais tarde a ser adoptado, com outra designação pelo Ministério da Educação, na reforma dos Programas a partir de 1996. O modelo foi integrado no projecto de gestão flexível do currículo, que institui justamente esta lógica, a de que há uma marcação nos currículos nacionais de objectivos gerais (ciclo) e um conjunto de objectivos específicos, que posteriormente são traduzidos em projectos curriculares de turma, sendo que estes são constituídos por uma operacionalização adequada ao desenvolvimento das necessidades dos alunos, que obviamente não podem ser definidos por um programa nacional que à partida considera o aluno na sua generalidade e não na especificidade do contexto da turma.

A Educação Física é uma área multi-disciplinar, autónoma, que actualmente conquistou um lugar de igual importância. Somo o País que tem o estatuto curricular da disciplina mais elevado no quadro da OCDE, e mesmo segundo estudos de alguns autores, somos o País melhor situado. Portanto esta conquista de posição curricular é muito forte. A Educação Física entra em conselho de turma, exactamente como a Matemática e como o Português. E entra desde o primeiro ao décimo segundo ano. Em outros Países os Professores não têm necessariamente uma especialização, nem necessariamente o mesmo estatuto. Portanto, esta situação implica um nível de responsabilidade acrescido para os Professores. Ou seja, os Professores não podem não trabalhar em grupo, não podem trabalhar de uma forma casual, nem fazer uma avaliação informal ou meramente diagnóstica. Devem sim, estruturar o seu ensino de uma forma adequada ao *Status* de que actualmente fazem parte.

O Plano Plurianual vem desta forma colocar uma plataforma de entendimento e colaboração dos Professores, ano a ano, turma a turma, não fechada na Educação Física, mas virada para a Escola. Infelizmente, os modelos de planeamento em Educação Física, não foram reconhecidos e referenciados como base para a lógica da gestão flexível do currículo em 1995, sendo que, já há dez anos atrás a Educação Física os tinha definido,

referindo apenas quando começaram com esse Projecto que a Educação Física já estava de acordo com esse modelo, ora se já estava de acordo, logicamente era porque já o tinha implementado e criado.

Em 2001, a Educação Física introduz uma componente no currículo de Educação Física muito importante, que agora, dez anos mais tarde foi generalizada para as outras áreas disciplinares, as Normas de Referência para o Sucesso em Educação Física. No fundo são metas por ciclo que vêm colmatar uma falha que existia no Sistema Educativo Português.

A avaliação interna é definida por cada Escola. Esta é demasiado genérica de acordo com o que expressam os programas do Ministério da Educação, logo resta à Escola definir os seus próprios critérios e procedimentos de avaliação, o que vai originar uma confusão entre Escolas, visto que umas vão definir critérios diferentes de Escola para Escola. Estas novas referências de metas de aprendizagem, vêm harmonizar estas práticas, e não uniformizar. Vêm apoiar o Professor, não o restringindo na sua acção de leccionação, pelo contrário. A equidade e igualdade nas aprendizagens e avaliações serão beneficiadas com esta implementação. Provas de avaliação de referência e exames nacionais foram implementadas pelo Ministério da Educação, assumidamente como medidas de remediação visto a avaliação estar fragmentada e localizada.

O Professor Luís Bom, destaca ainda que o trabalho de equipa é fundamental na Escola. Surgem várias lideranças inovadoras quando os grupos são coesos. O problema são as lideranças impostas pela Escola, quando as mesmas não são bem aceites e desempenhadas pelos Profissionais que não adoptam atitudes de chefia, que se assume muito diferente de uma liderança imposta. Verdadeiras equipas, unidas pelas mesmas metas e objectivos, que reconhecem vantagens individuais por pertencer às mesmas, conseguem desenvolver um trabalho de qualidade superior nas suas acções.

5.6- Entrevista 2. Professor Leonardo Rocha (Validada)

O Professor Leonardo Rocha, para além de Co-autor na elaboração dos Programas Nacionais de Educação Física, foi convidado por uma equipa central, nomeada pela Ministra da Educação, para coordenar a equipa de Educação Física e definir as Metas de Aprendizagem, aprovadas este ano lectivo.

As metas de aprendizagem, foram criadas com o objectivo de facilitar o planeamento dos Professores, especificando claramente o que os alunos têm que aprender

no final de cada ciclo, ou de cada ano lectivo. Desta forma, estas Metas sendo importantes para todas as áreas disciplinares, ainda mais o são para a Educação Física, uma vez que vieram reforçar ainda mais o papel de igualdade da nossa disciplina. Finalmente, as Escolas começam a perceber que também a Educação Física tem metas de aprendizagem para que os alunos possam transitar de ano na disciplina. Apesar de até já existirem há mais tempo e de uma forma mais explícita, embora ainda seja atribuído por muitos um papel secundário à Educação Física Escolar.

É também uma forma mais coerente e eficaz de ensinar os alunos, principalmente em Escolas e grupos disciplinares onde existam algumas dificuldades no planeamento. Na Educação Física tivemos a vantagem dos Programas já estarem organizados de uma forma muito próxima da organização das metas de aprendizagem, sendo que o maior contributo que as mesmas vêm dar ao ensino, é permitir pegar no programa e reorganizá-lo por níveis de desempenho e conteúdos. O facto do mesmo nível de desempenho estar presente em anos de Escolaridades específicos, causava alguma confusão no ensino. Hoje em dia, este novo programa revela-se muito mais simples de manipular. Principalmente, os níveis de ensino deixam de estar “agarrados” a um ano de Escolaridade. Quando dizemos que determinado aluno tem de cumprir o nível introdução, independentemente do ano em que se encontre, ele sabe exactamente o que deve fazer para conseguir o nível pretendido.

Outra vantagem das metas prende-se com o facto de trazerem novas normas de referência para o sucesso em Educação Física para o 1º ciclo que não havia, isto para que quando se preenchem as fichas de avaliação dos alunos, os Professores saibam exactamente que metas é que atingiram ou não.

Para finalizar, importa referir que as metas não são leis. As metas são mais um documento de apoio ao Professor, não alteraram normas, o programa, nem as referências, apenas houve um reorganização dos conteúdos de modo a que estejam ainda mais explícitos.

6 – Respostas originais. Questionários

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias – Faculdade de Educação Física e Desporto
Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário - 2010

Os dados dos nossos estudos são protegidos por compromisso de anonimato e de confidencialidade.
A análise e apresentação de resultados consideram o conjunto das respostas, não as individualiza.
Muito obrigado pela sua colaboração. Daniel Pedro, Luís Bom

- 1- Idade (escreva apenas o nº de anos de idade (exemplo: 24, ou 32): 52
- 2- Género (marque Masculino ou Feminino com X) Masculino Feminino
- 3- Habilitação Académica (marque com X todas as respostas que correspondem ao seu caso)
- | | |
|--|---------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Licenciatura <u>EF</u> | <input type="checkbox"/> Doutoramento |
| <input checked="" type="checkbox"/> Mestrado <u>SUPERVISÃO</u> | <input type="checkbox"/> Outra _____ |
- 4- Fez o seu Estágio Pedagógico em que nível de ensino (marque com X)
- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> 1º Ciclo Ensino Básico | <input checked="" type="checkbox"/> 3º Ciclo Ensino Básico |
| <input type="checkbox"/> 2º Ciclo Ensino Básico | <input checked="" type="checkbox"/> Ensino Secundário |
- 5- Níveis de Ensino das turmas que lecciona (marque com X)
- | | |
|---|---|
| <input type="checkbox"/> 1º Ciclo Ensino Básico | <input type="checkbox"/> 3º Ciclo Ensino Básico |
| <input type="checkbox"/> 2º Ciclo Ensino Básico | <input checked="" type="checkbox"/> Ensino Secundário |
- 6- Níveis de Ensino Leccionados na sua Escola (marque com X)
- | | | | |
|---|---|--|---|
| <input type="checkbox"/> 1º Ciclo Ensino Básico | <input type="checkbox"/> 2º Ciclo Ensino Básico | <input checked="" type="checkbox"/> 3º Ciclo Ensino Básico | <input checked="" type="checkbox"/> Ensino Secundário |
|---|---|--|---|
- 7- Cargos que desempenha na Escola ou Agrupamento
Coordenador de Dep. de Expressões e Membro do ADD.
8. Que **articulação curricular** existe entre ciclos, na sua Escola? Indique as **duas principais** medidas ou processos de articulação curricular vertical, na sucessão de ciclos de escolaridade, seja em relação à sua disciplina ou grupo, seja em relação ao seu departamento **dentro da sua Escola**.
Avaliar Desempenho Doc.
- Em relação à minha disciplina ou grupo na aplicação de Provas Globais no 9.º Ano;
- Em relação ao meu Departamento — não existiram da vez que comecei este ano,
(foi instituído este ano provas globalizantes em todas as disciplinas/
anos de escolaridade)
- Em relação ao conjunto das escolas — não existe
9. Que **articulação curricular** existe entre as escolas do agrupamento? Indique as **duas principais** medidas ou processos de articulação curricular vertical, **entre as escolas do agrupamento**.
Final do do Lectra, Jan Fev
- Em relação à minha disciplina ou grupo (entre escolas do agrup.) —
- Em relação ao meu Departamento (entre escolas do agrup.) —
- Articulação global entre o **conjunto** das escolas do agrupamento —

Muito Obrigado pela sua valiosa colaboração

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias – Faculdade de Educação Física e Desporto
Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário - 2010

Os dados dos nossos estudos são protegidos por compromisso de anonimato e de confidencialidade.
A análise e apresentação de resultados consideram o conjunto das respostas, não as individualiza.
Muito obrigado pela sua colaboração. Daniel Pedro, Luís Bom

- 1- Idade (escreva apenas o nº de anos de idade (exemplo: 24, ou 32): 55
- 2- Género (marque Masculino ou Feminino com X) Masculino Feminino
- 3- Habilitação Académica (marque com X todas as respostas que correspondem ao seu caso)
- Licenciatura Doutoramento
 Mestrado Outra _____
- 4- Fez o seu Estágio Pedagógico em que nível de ensino (marque com X)
- 1º Ciclo Ensino Básico 3º Ciclo Ensino Básico
 2º Ciclo Ensino Básico Ensino Secundário
- 5- Níveis de Ensino das turmas que lecciona (marque com X)
- 1º Ciclo Ensino Básico 3º Ciclo Ensino Básico
 2º Ciclo Ensino Básico Ensino Secundário
- 6- Níveis de Ensino Leccionados na sua Escola (marque com X)
- 1º Ciclo Ensino Básico 2º Ciclo Ensino Básico 3º Ciclo Ensino Básico Ensino Secundário
- 7- Cargos que desempenha na Escola ou Agrupamento Coordenador do 3º Ciclo, Refeção, DE
8. Que **articulação curricular** existe entre ciclos, na sua Escola? Indique as **duas principais** medidas ou processos de articulação curricular vertical, na sucessão de ciclos de escolaridade, seja em relação à sua disciplina ou grupo, seja em relação ao seu departamento **dentro da sua Escola**.
- Em relação à minha disciplina ou grupo A articulação é vertical de ano para ano porque todos os conteúdos estão interligados (1et)
- Em relação ao meu Departamento Há articulação curricular entre 1et e 2et entre os vários anos de escolaridade
- Em relação ao conjunto das escolas Este ano, em agrupamento, há articulação entre as Escolas do mesmo ciclo (3º) que é feita em trabalho de pares.
9. Que **articulação curricular** existe entre as escolas do agrupamento? Indique as **duas principais** medidas ou processos de articulação curricular vertical, **entre as escolas do agrupamento**.
- Em relação à minha disciplina ou grupo (entre escolas do agrup.) Articulação por ciclos, com planificações em trabalho de pares, troca de materiais e experiências pedagógicas
- Em relação ao meu Departamento (entre escolas do agrup.) _____
- Articulação global entre o **conjunto** das escolas do agrupamento Como é o 1º ano em agrupamento, essa articulação ainda não é muito visível.

Muito Obrigado pela sua valiosa colaboração

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias – Faculdade de Educação Física e Desporto
Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário - 2010

Os dados dos nossos estudos são protegidos por compromisso de anonimato e de confidencialidade.
A análise e apresentação de resultados consideram o conjunto das respostas, não as individualiza.
Muito obrigado pela sua colaboração. Daniel Pedro, Luís Bom

- 1- Idade (escreva apenas o nº de anos de idade (exemplo: 24, ou 32): 42
- 2- Género (marque Masculino ou Feminino com X) Masculino Feminino
- 3- Habilitação Académica (marque com X todas as respostas que correspondem ao seu caso)
- | | |
|--|---------------------------------------|
| <input checked="" type="checkbox"/> Licenciatura | <input type="checkbox"/> Doutoramento |
| <input type="checkbox"/> Mestrado | <input type="checkbox"/> Outra _____ |
- 4- Fez o seu Estágio Pedagógico em que nível de ensino (marque com X)
- | | |
|---|---|
| <input type="checkbox"/> 1º Ciclo Ensino Básico | <input type="checkbox"/> 3º Ciclo Ensino Básico |
| <input type="checkbox"/> 2º Ciclo Ensino Básico | <input checked="" type="checkbox"/> Ensino Secundário |
- 5- Níveis de Ensino das turmas que lecciona (marque com X)
- | | |
|---|---|
| <input type="checkbox"/> 1º Ciclo Ensino Básico | <input type="checkbox"/> 3º Ciclo Ensino Básico |
| <input type="checkbox"/> 2º Ciclo Ensino Básico | <input type="checkbox"/> Ensino Secundário |
- 6- Níveis de Ensino Leccionados na sua Escola (marque com X)
- | | | | |
|---|---|--|---|
| <input type="checkbox"/> 1º Ciclo Ensino Básico | <input type="checkbox"/> 2º Ciclo Ensino Básico | <input checked="" type="checkbox"/> 3º Ciclo Ensino Básico | <input checked="" type="checkbox"/> Ensino Secundário |
|---|---|--|---|
- 7- Cargos que desempenha na Escola ou Agrupamento VICE-PRESIDENTE DA CAP
8. Que **articulação curricular** existe entre ciclos, na sua Escola? Indique as **duas principais** medidas ou processos de articulação curricular vertical, na sucessão de ciclos de escolaridade, seja em relação à sua disciplina ou grupo, seja em relação ao seu departamento **dentro da sua Escola**.
- Em relação à minha disciplina ou grupo _____
- Em relação ao meu Departamento _____
- Em relação ao conjunto das escolas NÃO EXISTE. APENAS NA EA DA ESC. SEC. PORQUE EXISTE UM PROJECTO CURRICULAR
9. Que **articulação curricular** existe entre as escolas do agrupamento? Indique as **duas principais** medidas ou processos de articulação curricular vertical, **entre as escolas do agrupamento**.
- Em relação à minha disciplina ou grupo (entre escolas do agrup.) _____
- Em relação ao meu Departamento (entre escolas do agrup.) _____
- Articulação global entre o **conjunto** das escolas do agrupamento NÃO EXISTE.

Muito Obrigado pela sua valiosa colaboração

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias – Faculdade de Educação Física e Desporto
Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário - 2010

Os dados dos nossos estudos são protegidos por compromisso de anonimato e de confidencialidade.
A análise e apresentação de resultados consideram o conjunto das respostas, não as individualiza.
Muito obrigado pela sua colaboração. Daniel Pedro, Luís Bom

1- Idade (escreva apenas o nº de anos de idade (exemplo: 24, ou 32): 59

2- Género (marque Masculino ou Feminino com X) Masculino Feminino

3- Habilitação Académica (marque com X todas as respostas que correspondem ao seu caso)

<input checked="" type="checkbox"/> Licenciatura	<input type="checkbox"/> Doutoramento
<input type="checkbox"/> Mestrado	<input type="checkbox"/> Outra _____

4- Fez o seu Estágio Pedagógico em que nível de ensino (marque com X)

<input type="checkbox"/> 1º Ciclo Ensino Básico	<input type="checkbox"/> 3º Ciclo Ensino Básico
<input type="checkbox"/> 2º Ciclo Ensino Básico	<input checked="" type="checkbox"/> Ensino Secundário

5- Níveis de Ensino das turmas que lecciona (marque com X)

<input type="checkbox"/> 1º Ciclo Ensino Básico	<input type="checkbox"/> 3º Ciclo Ensino Básico
<input type="checkbox"/> 2º Ciclo Ensino Básico	<input checked="" type="checkbox"/> Ensino Secundário

6- Níveis de Ensino Leccionados na sua Escola (marque com X)

<input type="checkbox"/> 1º Ciclo Ensino Básico	<input type="checkbox"/> 2º Ciclo Ensino Básico	<input checked="" type="checkbox"/> 3º Ciclo Ensino Básico	<input checked="" type="checkbox"/> Ensino Secundário
---	---	--	---

7- Cargos que desempenha na Escola ou Agrupamento DELEGADO DE GRUPO DISCIPLINAR

8. Que articulação curricular existe entre ciclos, na sua Escola? Indique as duas principais medidas ou processos de articulação curricular vertical, na sucessão de ciclos de escolaridade, seja em relação à sua disciplina ou grupo, seja em relação ao seu departamento dentro da sua Escola.

Em relação à minha disciplina ou grupo É determinante a preocupação em reforçar no básico conteúdos programáticos que serão desenvolvidos no secundário.

Em relação ao meu Departamento Em relação ao Departamento, não é verificável qualquer articulação.

Em relação ao conjunto das escolas Verifica-se em termos de grupo(s) disciplinares a mesma articulação assinalada em cima.

9. Que articulação curricular existe entre as escolas do agrupamento? Indique as duas principais medidas ou processos de articulação curricular vertical, entre as escolas do agrupamento.

Em relação à minha disciplina ou grupo (entre escolas do agrup.) A mesma referida em 8.1. Verificável em reuniões de Grupo

Em relação ao meu Departamento (entre escolas do agrup.) Não estou em condições de responder. É mesmo a coordenadora.

Articulação global entre o conjunto das escolas do agrupamento Não estou em condições de responder. É mesmo o Conselho Pedagógico e ou a Direção.

Muito Obrigado pela sua valiosa colaboração

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias – Faculdade de Educação Física e Desporto
Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário - 2010

Os dados dos nossos estudos são protegidos por compromisso de anonimato e de confidencialidade.
A análise e apresentação de resultados consideram o conjunto das respostas, não as individualiza.
Muito obrigado pela sua colaboração. Daniel Pedro, Luís Bom

1- Idade (escreva apenas o nº de anos de idade (exemplo: 24, ou 32): 54

2- Género (marque Masculino ou Feminino com X) Masculino Feminino

3- Habilitação Académica (marque com X todas as respostas que correspondem ao seu caso)

<input checked="" type="checkbox"/> Licenciatura	<input type="checkbox"/> Doutoramento
<input type="checkbox"/> Mestrado	<input type="checkbox"/> Outra _____

4- Fez o seu Estágio Pedagógico em que nível de ensino (marque com X)

<input checked="" type="checkbox"/> 1º Ciclo Ensino Básico	<input type="checkbox"/> 3º Ciclo Ensino Básico
<input type="checkbox"/> 2º Ciclo Ensino Básico	<input type="checkbox"/> Ensino Secundário

5- Níveis de Ensino das turmas que lecciona (marque com X)

<input type="checkbox"/> 1º Ciclo Ensino Básico	<input type="checkbox"/> 3º Ciclo Ensino Básico
<input type="checkbox"/> 2º Ciclo Ensino Básico	<input type="checkbox"/> Ensino Secundário

6- Níveis de Ensino Leccionados na sua Escola (marque com X)

J.I 1º Ciclo Ensino Básico 2º Ciclo Ensino Básico 3º Ciclo Ensino Básico Ensino Secundário

7- Cargos que desempenha na Escola ou Agrupamento Coordenador Estabelecimento e Projecto TAPE

8. Que articulação curricular existe entre ciclos, na sua Escola? Indique as duas principais medidas ou processos de articulação curricular vertical, na sucessão de ciclos de escolaridade, seja em relação à sua disciplina ou grupo, seja em relação ao seu departamento dentro da sua Escola.

Em relação à minha disciplina ou grupo _____

Em relação ao meu Departamento _____

Em relação ao conjunto das escolas Entre J.I e 1º ciclo através reuniões, programa anual de actividades, projecto educativo. caminha em conjunto.

9. Que articulação curricular existe entre as escolas do agrupamento? Indique as duas principais medidas ou processos de articulação curricular vertical, entre as escolas do agrupamento.

Em relação à minha disciplina ou grupo (entre escolas do agrup.) _____

Em relação ao meu Departamento (entre escolas do agrup.) Reuniões departamento

Articulação global entre o conjunto das escolas do agrupamento articulação @ Presc.

- reuniões de coordenação
- observatório de qualidade

reuniões de ano.
" Com. Pedagógico. Resultados Balancos.
observatório TAPE → grupos de nível.

Muito Obrigado pela sua valiosa colaboração

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias – Faculdade de Educação Física e Desporto
Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário - 2010

*Os dados dos nossos estudos são protegidos por compromisso de anonimato e de confidencialidade.
A análise e apresentação de resultados consideram o conjunto das respostas, não as individualiza.
Muito obrigado pela sua colaboração. Daniel Pedro, Luís Bom*

- 1- **Idade** (escreva apenas o nº de anos de idade (exemplo: 24, ou 32): 38
- 2- **Género** (marque Masculino ou Feminino com X) Masculino Feminino
- 3- **Habilitação Académica** (marque com X todas as respostas que correspondem ao seu caso)
 Licenciatura Doutoramento
 Mestrado Outra _____
- 4- **Fez o seu Estágio Pedagógico em que nível de ensino** (marque com X)
 1º Ciclo Ensino Básico 3º Ciclo Ensino Básico
 2º Ciclo Ensino Básico Ensino Secundário
- 5- **Níveis de Ensino das turmas que lecciona** (marque com X)
 1º Ciclo Ensino Básico 3º Ciclo Ensino Básico
 2º Ciclo Ensino Básico Ensino Secundário
- 6- **Níveis de Ensino Leccionados na sua Escola** (marque com X)
 1º Ciclo Ensino Básico 2º Ciclo Ensino Básico 3º Ciclo Ensino Básico Ensino Secundário
- 7- **Cargos que desempenha na Escola ou Agrupamento** Sublinhador de Escola
8. **Que articulação curricular existe entre ciclos, na sua Escola?** Indique as **duas principais** medidas ou processos de articulação curricular vertical, na sucessão de ciclos de escolaridade, seja em relação à sua disciplina ou grupo, seja em relação ao seu departamento **dentro da sua Escola.**
Em relação à minha disciplina ou grupo baseado nos programas curriculares
Em relação ao meu Departamento discute-se a nível das metodologias e didáticas, dentro dos Grupos: Grupo Pedagógico, Grupos de Trabalho
Em relação ao conjunto das escolas Não há
9. **Que articulação curricular existe entre as escolas do agrupamento?** Indique as **duas principais** medidas ou processos de articulação curricular vertical, **entre as escolas do agrupamento.**
Em relação à minha disciplina ou grupo (entre escolas do agrup.) _____
Em relação ao meu Departamento (entre escolas do agrup.) _____
Articulação global entre o conjunto das escolas do agrupamento _____

Muito Obrigado pela sua valiosa colaboração

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias – Faculdade de Educação Física e Desporto
Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário - 2010

Os dados dos nossos estudos são protegidos por compromisso de anonimato e de confidencialidade.
A análise e apresentação de resultados consideram o conjunto das respostas, não as individualiza.
Muito obrigado pela sua colaboração. Daniel Pedro, Luís Bom

- 1- Idade (escreva apenas o nº de anos de idade (exemplo: 24, ou 32): 52
- 2- Género (marque Masculino ou Feminino com X) Masculino Feminino
- 3- Habilitação Académica (marque com X todas as respostas que correspondem ao seu caso)
 Licenciatura Doutoramento
 Mestrado Outra _____
- 4- Fez o seu Estágio Pedagógico em que nível de ensino (marque com X)
 1º Ciclo Ensino Básico 3º Ciclo Ensino Básico
 2º Ciclo Ensino Básico Ensino Secundário
- 5- Níveis de Ensino das turmas que lecciona (marque com X)
 1º Ciclo Ensino Básico 3º Ciclo Ensino Básico
 2º Ciclo Ensino Básico Ensino Secundário
- 6- Níveis de Ensino Leccionados na sua Escola (marque com X)
 1º Ciclo Ensino Básico 2º Ciclo Ensino Básico 3º Ciclo Ensino Básico Ensino Secundário
- 7- Cargos que desempenha na Escola ou Agrupamento COORDENADORA DE EXPEDIENTE /
SUBCOORDENADORA DE EF DO 2º CICLO
8. Que articulação curricular existe entre ciclos, na sua Escola? Indique as duas principais medidas ou processos de articulação curricular vertical, na sucessão de ciclos de escolaridade, seja em relação à sua disciplina ou grupo, seja em relação ao seu departamento dentro da sua Escola.
Em relação à minha disciplina ou grupo TODA MATEMÁTICA: NO QUADRO DE COMPONENTES CURRICULARES, NO PROJETO CURRICULAR DE EF (POR NÍVEL DE PROGRESSÃO) E NO DOCUMENTO DE AVALIAÇÃO DOS ALUNOS
Em relação ao meu Departamento NADA - EXCEPTO A TENTATIVA ESTE ANO USAR DE INCLUIR 2 ACTIVIDADES NO PAA QUE ENVOLVAM TODAS AS
Em relação ao conjunto das escolas - C/ A SECUNDÁRIA DE BENFICA, NADA. COM AS DAS ESCOLAS DO AGRUPAMENTO HAVIA 2 REUNIÕES RELATIVAMENTE A
9. Que articulação curricular existe entre as escolas do agrupamento? Indique as duas principais medidas ou processos de articulação curricular vertical, entre as escolas do agrupamento.
Em relação à minha disciplina ou grupo (entre escolas do agrup.) _____
Em relação ao meu Departamento (entre escolas do agrup.) _____
Articulação global entre o conjunto das escolas do agrupamento _____

Muito Obrigado pela sua valiosa colaboração
* * competências trabalhadas no 1º ciclo, que correspondem a uma parte significativa do programa de EFEM: ~~ATE~~ (AECs). Uma disciplina do DEP. vez que apenas 80% dos alunos as frequentam

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias – Faculdade de Educação Física e Desporto
Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário - 2010

Os dados dos nossos estudos são protegidos por compromisso de anonimato e de confidencialidade.
A análise e apresentação de resultados consideram o conjunto das respostas, não as individualiza.
Muito obrigado pela sua colaboração. Daniel Pedro, Luís Bom

1- Idade (escreva apenas o nº de anos de idade (exemplo: 24,ou 32) 54)

2- Género (marque Masculino ou Feminino com X) Masculino Feminino

3- Habilitação Académica (marque com X todas as respostas que correspondem ao seu caso)

Licenciatura

Doutoramento

Mestrado

Outra _____

4- Fez o seu Estágio Pedagógico em que nível de ensino (marque com X)

1º Ciclo Ensino Básico

3º Ciclo Ensino Básico

2º Ciclo Ensino Básico

Ensino Secundário

5- Níveis de Ensino das turmas que lecciona (marque com X)

1º Ciclo Ensino Básico

3º Ciclo Ensino Básico

2º Ciclo Ensino Básico

Ensino Secundário

6- Níveis de Ensino Leccionados na sua Escola (marque com X)

1º Ciclo Ensino Básico

2º Ciclo Ensino Básico

3º Ciclo Ensino Básico

Ensino

Secundário

7- Cargos que desempenha na Escola ou Agrupamento Coordenador de Departamento Curricular

8. Que **articulação curricular** existe entre ciclos, na sua Escola? Indique as **duas principais** medidas ou processos de articulação curricular vertical, na sucessão de ciclos de escolaridade, seja em relação à sua disciplina ou grupo, seja em relação ao seu departamento **dentro da sua Escola**.

→ **Em relação à minha disciplina ou grupo** – a realização de provas de avaliação no início do 7º ano e no final do 9º ano (prova global) como processo de apuramento de resultados para se tirar conclusões e reformular eventualmente o plano plurianual (desde o 7ª ao 12ª ano); as conferências curriculares de final de ano que alimentam decisões para o ano seguinte

→ **Em relação ao meu Departamento** - não existe qualquer articulação curricular no Departamento-----

→ **Em relação ao conjunto das escolas** - a escola não é agrupada

9. Que **articulação curricular** existe entre as escolas do **agrupamento**? Indique as **duas principais** medidas ou processos de articulação curricular vertical, **entre as escolas do agrupamento**.

Em relação à minha disciplina ou grupo (entre escolas do agrup.) _____

Em relação ao meu Departamento (entre escolas do agrup.) _____

Articulação global entre o conjunto das escolas do agrupamento _____

A ESCOLA NÃO É AGRUPADA

Muito Obrigado pela sua valiosa colaboração

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias – Faculdade de Educação Física e Desporto
Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário - 2010

Os dados dos nossos estudos são protegidos por compromisso de anonimato e de confidencialidade.
A análise e apresentação de resultados consideram o conjunto das respostas, não as individualiza.
Muito obrigado pela sua colaboração. Daniel Pedro, Luís Bom

- 1- **Idade** (escreva apenas o nº de anos de idade (exemplo: 24, ou 32): 58
- 2- **Género** (marque Masculino ou Feminino com X) Masculino Feminino
- 3- **Habilitação Académica** (marque com X todas as respostas que correspondem ao seu caso)
- Licenciatura Doutoramento
 Mestrado Outra _____
- 4- **Fez o seu Estágio Pedagógico em que nível de ensino** (marque com X)
- 1º Ciclo Ensino Básico 3º Ciclo Ensino Básico
 2º Ciclo Ensino Básico Ensino Secundário
- 5- **Níveis de Ensino das turmas que lecciona** (marque com X)
- 1º Ciclo Ensino Básico 3º Ciclo Ensino Básico
 2º Ciclo Ensino Básico Ensino Secundário
- 6- **Níveis de Ensino Leccionados na sua Escola** (marque com X)
- 1º Ciclo Ensino Básico 2º Ciclo Ensino Básico 3º Ciclo Ensino Básico Ensino Secundário
- 7- **Cargos que desempenha na Escola ou Agrupamento** Director

8. **Que articulação curricular existe entre ciclos, na sua Escola?** Indique as **duas principais** medidas ou processos de articulação curricular vertical, na sucessão de ciclos de escolaridade, seja em relação à sua disciplina ou grupo, seja em relação ao seu departamento **dentro da sua Escola**.

→ Em relação à minha disciplina ou grupo Reuniões da coordenação entre a Escola e os Profs dos AEC'S.

→ Em relação ao meu Departamento Reunião todas as semanas com outros coordenadores. Balanço para discussão em C. Pedagógico.

Em relação ao conjunto das escolas _____

9. **Que articulação curricular existe entre as escolas do agrupamento?** Indique as **duas principais** medidas ou processos de articulação curricular vertical, **entre as escolas do agrupamento**.

Em relação à minha disciplina ou grupo (entre escolas do agrup.) _____

Em relação ao meu Departamento (entre escolas do agrup.) _____

Articulação global entre o conjunto das escolas do agrupamento Reuniões entre Profs de Português e Matemática, ligação e ponte entre 1.º e 2.º ciclo

Muito Obrigado pela sua valiosa colaboração

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias – Faculdade de Educação Física e Desporto
Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário - 2010

Os dados dos nossos estudos são protegidos por compromisso de anonimato e de confidencialidade.
A análise e apresentação de resultados consideram o conjunto das respostas, não as individualiza.
Muito obrigado pela sua colaboração. Daniel Pedro, Luís Bom

1- Idade (escreva apenas o nº de anos de idade (exemplo: 24, ou 32): 47

2- Género (marque Masculino ou Feminino com X) Masculino Feminino

3- Habilitação Académica (marque com X todas as respostas que correspondem ao seu caso)

<input checked="" type="checkbox"/> Licenciatura	<input type="checkbox"/> Doutoramento
<input type="checkbox"/> Mestrado	<input type="checkbox"/> Outra _____

4- Fez o seu Estágio Pedagógico em que nível de ensino (marque com X)

<input type="checkbox"/> 1º Ciclo Ensino Básico	<input type="checkbox"/> 3º Ciclo Ensino Básico
<input checked="" type="checkbox"/> 2º Ciclo Ensino Básico	<input type="checkbox"/> Ensino Secundário

5- Níveis de Ensino das turmas que lecciona (marque com X)

<input type="checkbox"/> 1º Ciclo Ensino Básico	<input type="checkbox"/> 3º Ciclo Ensino Básico
<input checked="" type="checkbox"/> 2º Ciclo Ensino Básico	<input type="checkbox"/> Ensino Secundário

6- Níveis de Ensino Leccionados na sua Escola (marque com X)

<input type="checkbox"/> 1º Ciclo Ensino Básico	<input checked="" type="checkbox"/> 2º Ciclo Ensino Básico	<input type="checkbox"/> 3º Ciclo Ensino Básico	<input type="checkbox"/> Ensino Secundário
---	--	---	--

7- Cargos que desempenha na Escola ou Agrupamento Coordenador da AEC de Ed. Física / Coord. Dep. Escolas

8. Que **articulação curricular** existe entre ciclos, na sua Escola? Indique as **duas principais** medidas ou processos de articulação curricular vertical, na sucessão de ciclos de escolaridade, seja em relação à sua disciplina ou grupo, seja em relação ao seu departamento **dentro da sua Escola**.

Em relação à minha disciplina ou grupo Ajuntamento da planificação mediante os resultados de av. inicial. Reuniões c/ todos os professores (2º e 3º ciclo)

Em relação ao meu Departamento _____

Em relação ao conjunto das escolas Reuniões de trabalho c/ coordenadora do 1º ciclo / Observações de aulas AEC/

9. Que **articulação curricular** existe entre as escolas do agrupamento? Indique as **duas principais** medidas ou processos de articulação curricular vertical, **entre as escolas do agrupamento**.

Em relação à minha disciplina ou grupo (entre escolas do agrup.) Reuniões c/ professores 1º e 2º ciclo. / Análise dos relatórios das Atividades AEC.

Em relação ao meu Departamento (entre escolas do agrup.) _____

Articulação global entre o **conjunto** das escolas do agrupamento _____

Muito Obrigado pela sua valiosa colaboração

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias – Faculdade de Educação Física e Desporto
Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário - 2010

Os dados dos nossos estudos são protegidos por compromisso de anonimato e de confidencialidade.
A análise e apresentação de resultados consideram o conjunto das respostas, não as individualiza.
Muito obrigado pela sua colaboração. Daniel Pedro, Luís Bom

1- Idade (escreva apenas o nº de anos de idade (exemplo: 24, ou 32): 39

2- Género (marque Masculino ou Feminino com X) Masculino Feminino

3- Habilitação Académica (marque com X todas as respostas que correspondem ao seu caso)

<input type="checkbox"/> Licenciatura	<input type="checkbox"/> Doutoramento
<input checked="" type="checkbox"/> Mestrado	<input type="checkbox"/> Outra _____

4- Fez o seu Estágio Pedagógico em que nível de ensino (marque com X)

<input type="checkbox"/> 1º Ciclo Ensino Básico	<input checked="" type="checkbox"/> 3º Ciclo Ensino Básico
<input type="checkbox"/> 2º Ciclo Ensino Básico	<input checked="" type="checkbox"/> Ensino Secundário

5- Níveis de Ensino das turmas que lecciona (marque com X)

<input type="checkbox"/> 1º Ciclo Ensino Básico	<input checked="" type="checkbox"/> 3º Ciclo Ensino Básico
<input type="checkbox"/> 2º Ciclo Ensino Básico	<input checked="" type="checkbox"/> Ensino Secundário

6- Níveis de Ensino Leccionados na sua Escola (marque com X)

<input type="checkbox"/> 1º Ciclo Ensino Básico	<input type="checkbox"/> 2º Ciclo Ensino Básico	<input type="checkbox"/> 3º Ciclo Ensino Básico	<input type="checkbox"/> Ensino Secundário
---	---	---	--

7- Cargos que desempenha na Escola ou Agrupamento Director de Turmas; Delegado de Grupo

8. Que **articulação curricular existe entre ciclos, na sua Escola?** Indique as **duas principais** medidas ou processos de articulação curricular vertical, na sucessão de ciclos de escolaridade, seja em relação à sua disciplina ou grupo, seja em relação ao seu departamento **dentro da sua Escola.**

Em relação à minha disciplina ou grupo Projecto Curricular de Ed. Física e os Critérios de Avaliação de Ed. Física

Em relação ao meu Departamento Projecto Educativo de Escola; Plano Anual de Actividades

Em relação ao conjunto das escolas Projecto Educativo de Escola; Plano Anual de Actividades

9. Que **articulação curricular existe entre as escolas do agrupamento?** Indique as **duas principais** medidas ou processos de articulação curricular vertical, **entre as escolas do agrupamento.**

Em relação à minha disciplina ou grupo (entre escolas do agrup.) _____

Em relação ao meu Departamento (entre escolas do agrup.) _____

Articulação global entre o **conjunto** das escolas do agrupamento _____

o que
está
a fazer
a fazer
a fazer

Muito Obrigado pela sua valiosa colaboração